



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

SILVANA DA SILVA QUARESMA

**TEORIA VERSUS PRÁTICA: AS CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO EM
GEOGRAFIA**

CAJAZEIRAS - PB
2015

SILVANA DA SILVA QUARESMA

**TEORIA VERSUS PRÁTICA: AS CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO EM
GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras - PB.

Orientadora: Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

Q18t Quaresma, Silvana da Silva

Teoria versus prática: as contribuições e implicações do estágio supervisionado na formação do licenciado em Geografia. / Silvana da Silva Quaresma. Cajazeiras, 2015.

65f.

Bibliografia.

Orientador (a): Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Geografia – teoria e prática. 2. Ciência geográfica. 3. Geografia – estágio supervisionado. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –910:377.8

SILVANA DA SILVA QUARESMA

**TEORIA VERSUS PRÁTICA: AS CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO EM
GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras - PB.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves (Orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Professor Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira (Examinador 1)

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Professora Dra. Firmiana Santos Fonseca Siebra (Examinadora 2)

Universidade Regional do Cariri - URCA

Dedico à Deus por ter iluminado os meus caminhos e por não ter me abandonado. À minha família que amo muito. Meu pai Izidio Quaresma, minha mãe Rosa Venceslau, minha irmã Juliana Quaresma, meu irmão Guilherme Quaresma e o meu sobrinho lindo Leonardo Dias, pela força, apoio e incentivo que sempre me deram durante toda a minha graduação. Ao meu namorado lindo que amo muito Vicente Alencar, pelo apoio, dedicação, amor e carinho. À minha grande orientadora Cícera Cecília Esmeraldo Alves, por ter sido uma ótima orientadora, atenciosa e dedicada a me ajudar. À eu, pela fé, força e coragem que tive ao longo desses cinco anos de faculdade, enfrentando as dificuldades sem desanimar, sendo capaz de lutar e conquistar os meus objetivos.

É necessário que nossas experiências não sejam simplesmente agregadas, mas que sejam organizadas num todo sistemático. Tal como antes de construir-se uma casa, é preciso um conceito do todo, do qual as várias partes poderão mais tarde derivar, também é necessário, antes de estudar o mundo, ter-se um conceito todo, uma moldura arquitetônica da qual se poderão extrair os múltiplos detalhes (KANT *apud* UNWIN, 1995).

RESUMO

O estágio supervisionado é tido como um componente curricular acadêmico de primordial importância para a formação inicial docente, contribuindo ao levar a realidade para os licenciandos sobre o ambiente escolar e sobre a profissão docente. É o momento em que os licenciandos colocam em prática a base teórica aprendida na universidade. Esse importante componente curricular merece atenção especial, a partir do mesmo pode ser observado, analisado e refletido questões que são constantes numa escola, a relação concreta ensino/aprendizagem e professor/aluno. O objetivo desse estudo é de analisar as contribuições e implicações do estágio supervisionado na formação do licenciado em Geografia, enfatizando sobre a importância do estágio supervisionado na formação inicial e observando a relação entre teoria e prática no momento do estágio. Este estudo possui caráter qualitativo em que a coleta de dados foi feita mediante entrevistas com licenciandos do curso de Geografia, obtendo narrativas de 11 (onze) licenciandos e através de estudos bibliográficos por meio de livros, artigos e teses. Os dados foram analisados por meio de três categorias de análise: a ciência geográfica, a formação inicial docente e o estágio supervisionado e, como referencial teórico utilizou-se Pontuschka (2009), Castrogiovanni (2011), Santos (2013), Pimenta (2010) entre outros. Os dados revelam que o estágio supervisionado contribui com relevância na formação dos licenciandos, entretanto revelam certas implicações em relação à teoria e prática no momento do estágio, os licenciandos questionam certas dificuldades diante da teoria enfatizada durante o curso. Este estudo revelou ainda que o estágio contribui gradativamente na construção da identidade profissional docente, onde as implicações encontradas estimulam à busca por melhorias no ensino, ou seja, apresentam caminhos propícios para uma formação docente de qualidade, seguida por expectativa de mudar rompendo com o tradicionalismo.

Palavras-chave: Ciência Geográfica. Estágio supervisionado. Teoria e Prática.

ABSTRACT

The supervised training is seen as an academic curriculum component of prime importance for initial teacher training, helping to bring reality to the licensees on the school environment and the teaching profession. It is the time that the licensees put into practice the theoretical basis learned in university. This important curriculum component deserves special attention from the same can be observed, analyzed and reflected issues that are constant in a school, the concrete the teaching / learning and teacher / student. The aim of this study is to analyze the contributions and implications of supervised training of the licensee in Geography, emphasizing on the importance of supervised training in initial training and observing the relationship between theory and practice at the time of the stage. This study has qualitative in which data collection was done through interviews with undergraduates Geography course, getting narratives of eleven (11) undergraduates and through bibliographic research through books, articles and theses. Data were analyzed using three categories of analysis: the geographical science, initial teacher training and supervised practice and as a theoretical framework was used Pontuschka (2009), Castrogiovanni (2011), Santos (2013), Pepper (2010) among others. The data reveal that the supervised training contributes heavily in training of undergraduates, however reveal certain implications for the theory and practice at the time of the internship, the student teachers questioned certain difficulties on the theory emphasized during the course. This study also revealed that the stage gradually contributes to the construction of teacher professional identity, where the implications found stimulate the search for improvements in education, that is, provide favorable paths for teacher education quality, followed by the expectation of change breaking with the traditionalism.

Keywords: Geographical Science. Supervised Training. Theory and Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8	
1	CAPÍTULO	11
1.1	Ciência geográfica: algumas palavras	11
1.2	Educação e ensino de Geografia na contemporaneidade	16
1.3	A Geografia escolar no cotidiano do professor e aluno	23
2	CAPÍTULO	29
2.1	Teoria versus prática: um diálogo necessário	29
2.2	Estágio supervisionado na formação do licenciado em Geografia	36
3	CAPÍTULO	43
3.1	As contribuições e implicações do estágio supervisionado na formação docente do discente	43
3.2	A teoria e a prática no momento do estágio: alguns relatos	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56	
REFERÊNCIAS	59	
ANEXOS	63	

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é tido como uma configuração de oportunidade para que os licenciandos possam atuar no ambiente escolar, assim refletindo sobre a sua prática, as contribuições, as problemáticas que são ser observadas e vivenciadas nesse ambiente. Sendo um componente curricular que por vezes não é considerado como uma preparação completa para a prática docente, mas ajuda para que os estagiários possam compreender, observar e analisar o verdadeiro sentido da prática docente, quais as dificuldades e problemas enfrentados pelos professores e o que é ser professor, assim construindo sua identidade docente.

O estágio supervisionado contribui com muita importância para a formação profissional docente, quando a partir do mesmo os estagiários dispõem de uma aproximação com o espaço escolar, com a sala de aula, com os professores e funcionários e levando à construção de competências, de experiências com o ensino de Geografia e de saberes. Momento esse muito importante e preciso para o futuro profissional docente, que numa visão crítica e reflexiva busca aprimorar suas técnicas, métodos e conhecimentos com o propósito de se tornarem profissionais de boa qualidade e competência.

A pesquisa a partir do estágio supervisionado se constitui como elemento fundamental na formação inicial docente, onde leva a reflexão acerca das concepções e práticas, que irão promover os saberes da prática unidos com a teoria e que possibilitará uma análise sobre a sua ação docente e educativa.

Santos (2012, p. 12) salienta:

O Estágio Supervisionado representa na contemporaneidade um momento ímpar na formação do docente de Geografia, sendo configurado enquanto preparação profissional de humanização e qualificação ao fim que se destina, possibilitando ao estagiário vivenciar, refletir acerca do ambiente escolar. Tais considerações justificam a necessidade de um estudo que aborde o estágio de modo a investigar como este vem sendo efetivado e suas implicações na formação inicial.

Os licenciandos aprendem que a universidade é o local de construção de sua capacidade reflexiva, onde são motivados o aperfeiçoamento intelectual para que os mesmos possam dispor de habilidades que são úteis e eficazes em sua atuação pedagógica referente à sua área de conhecimento.

Através da prática no estágio que se pode analisar como realmente é a atuação dos licenciandos no estágio supervisionado, quais os problemas e dificuldades enfrentadas, se essa prática é do jeito que está contida na teoria.

Segundo Pimenta (2001) existe uma distância entre o processo de formação inicial dos professores e a realidade encontrada, pois existe um problema contido há tempos no processo de formação docente, ou seja, a teoria estudada nas universidades e a prática atuada no ambiente escolar. É necessário refletir sobre as práticas e sobre a identidade pessoal, pois a formação docente não só se constitui com acumulação de cursos, de conhecimentos e técnicas, mas tendo uma visão crítica e reflexiva através da prática docente inicial, que é por muitas vezes construída a partir da atuação no estágio supervisionado.

Nesse contexto, direcionei a minha pesquisa em analisar sobre como é na realidade a prática do estágio supervisionado, será que é como discorrido na teoria? Será que os licenciandos passam por dificuldades? Qual a contribuição do estágio para a formação inicial docente? Essas foram às problemáticas que me induziram a realizar a minha pesquisa, pois são questões de muita importância na formação de um futuro professor, e principalmente para aqueles que ainda não começaram a realizar o estágio supervisionado. Dessa forma, poderão interagir com a realidade vivida pelos licenciandos e ficarem preparados para quando chegar a hora de estagiarem.

A sistematização dessas questões, postas até o momento resultou em uma pesquisa que está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda sobre a ciência geográfica, enfatizando sobre o seu objeto de estudo, trazendo um contexto histórico sobre como a mesma foi conquistando espaço até se tornar uma ciência. Em seguida, discorro sobre a educação e o ensino de Geografia na contemporaneidade. Ao final, apresento a Geografia escolar no cotidiano do professor e aluno, sendo fundamentado por Ilkiu (2010), Pontuschka (2009), Rego (2007), Castrogiovanni (2011), Cavalcanti (2012), entre outros.

O segundo capítulo diz respeito às reflexões a partir do estágio supervisionado sobre Teoria versus Prática: um diálogo necessário, tendo em vista os aportes teóricos de Pimenta (2010), Santos (2013), Dutra (2010), Alcântara (2010), etc. Ademais, apresento o estágio supervisionado na formação do licenciado em Geografia, o processo é fundamentado através das contribuições de Lisovsk (2006), Kaercher (2013), Pimenta (2012) entre outros.

No terceiro capítulo ressalto as contribuições e implicações do estágio supervisionado na formação docente do discente e a teoria e a prática no momento do estágio. Neste momento procuro introduzir a relação entre o estágio supervisionado e as narrativas dos licenciandos, assim demonstrando como o estágio vem sendo concretizado, refletindo sobre suas contribuições e implicações na formação inicial docente.

Nesse contexto, apesar das dificuldades na relação teoria e prática, e nos problemas encontrados no ambiente escolar, mesmo diante desses empecilhos o estágio supervisionado é

um componente curricular de muita valia na formação inicial, ajudando no fortalecimento e desenvolvimento da identidade docente, estimulando licenciandos capazes de lutarem por uma educação de qualidade.

Tenho a convicção de que o estágio supervisionado merece muita atenção, pois estamos falando de um componente curricular essencial e indispensável na formação docente, sendo a partir do mesmo que os futuros docentes se preparam para a carreira profissional.

1 CAPÍTULO

1.1 Ciência geográfica: algumas palavras

A ciência geográfica tem como objeto de estudo o espaço geográfico, ou seja, a interação do homem com a natureza, assim essa ciência se torna elemento primordial, pois é de interesse da mesma os acontecimentos antrópicos e naturais ocorridos na superfície da Terra, sem esquecer o comportamento do relevo, da biosfera, da atmosfera e dos cursos d'água, abrangendo até as informações referentes à economia, à cultura, às cidades e entre outras várias questões que abrangem o espaço geográfico.

Sobre a ciência geográfica Ilkiu (2010, p. 11) enfatiza:

A Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, sendo este de grande complexidade em sua conformação, pois engloba uma série de atores sociais, instituições, fenômenos e elementos que estão em constante transformação e movimento. O espaço geográfico é o meio em que vivemos, onde mantemos nossas relações sociais de toda e qualquer natureza. A composição deste espaço se desenrola sob um conjunto de ações que formam as bases das sociedades humanas, e que passam de geração a geração moldando, produzindo e reproduzindo este meio, o espaço geográfico.

A ciência geográfica é muito complexa, constituindo ramos com outras ciências, assim tendo por estudo tudo o que está contido no espaço geográfico. A Geografia estuda as informações de localização de países, cidades, mapas e bandeiras, mas não é só isso, ela se preocupa com as dinâmicas que envolvem a produção e transformação do espaço. “A ciência geográfica tem uma difícil tarefa, uma vez que o estudo do espaço geográfico é dotado de complexidade, dado o grande número de fenômenos e elementos de ordem natural e social que o conformam” (ILKIU, 2010, p. 11).

Então, é indispensável discutir sobre a origem da ciência geográfica, sobre os seus principais pensadores e estudiosos que compõem essa importante ciência, desde a sua introdução como ciência até suas modificações e transformações.

Segundo Pontuschka (2009), nos últimos três mil anos ocorreram grandes acúmulos de conhecimentos geográficos, sendo de origem empírica ou até mesmo científica, desenvolvidas desde as primeiras cartas e descrições que foram produzidas na China. Entretanto, o conhecimento geográfico teve mais punho através das grandes descobertas marítimas, e no chamado mundo ocidental a institucionalização da Geografia ocorreu com as expedições científicas pelos continentes africano, americano e asiático com a interação das associações

geográficas e das academias europeias, onde as mesmas sistematizaram todas as informações obtidas através das viagens no mundo feitas pelos cientistas.

Somente no fim do século XVIII que a Geografia teve condições para constituir-se em ciência, mesmo assim ela ainda se deparava com dois problemas sendo: o primeiro por causa de sua ligação com a História, onde era servidora da mesma e o segundo por causa das relações existentes entre a natureza e o homem.

A Geografia que se apresentava nesse tempo histórico aceitava a influência do meio biofísico sobre o homem. “Mesmo quando a Geografia humana se desenvolveu como um corpo de conhecimentos sistematizados, essa ideia permaneceu. As discussões sobre esses problemas vão atravessar o século XIX e a primeira metade do século XX” (PONTUSCHKA, 2009, p. 40).

Nessa época dois grandes autores faziam publicações e compunham a Geografia científica, sendo Alexander Von Humboldt (1769 -1859), o mesmo era o conselheiro do rei da Prússia e o outro autor era Karl Ritter (1779 -1859) esse era o tutor de uma família composta por banqueiros. Esses trabalhos que tanto Humboldt quanto Ritter faziam eram de relevante importância, principalmente para o poder político e econômico da Europa, pois essas atividades eram interessantes para a elite que dominavam os países da Europa, nesse período se constatava a expansão colonial pelos europeus, em busca de apropriar-se de territórios na África e Ásia.

Na mesma época, Karl Ritter historiador e filósofo, e também professor na Universidade de Berlim, acabava por definir um conceito de sistema natural, sendo uma área na qual constituía individualidade e em que cada arranjo acomodaria um conjunto de elementos, no qual o homem seria elemento primordial. Para Ritter a Geografia era o estudo de lugares, pois o mesmo realizou estudos de comparação em regiões com diferenciação, com intuito de explicar as formas de ocupação do território, Ritter tinha uma proposta antropocêntrica que valorizava a relação homem/natureza.

Segundo Andrade (1981), o estudioso Karl Max analisava o sistema capitalista e buscava explicações que norteavam as relações existentes entre o homem e a natureza, assim ele ia apontando a diminuição da influência do meio natural sobre o homem. Para Max, o homem era quem transformava o meio ambiente para conseguir uma rápida acumulação de capitais e não se preocupando com os danos que poderiam causar sobre o meio natural. Mas, a maneira como Max refletia sobre homem/natureza teve pouca influência sobre os geógrafos das escolas francesa e alemã do século XIX.

Outro grande nome no estudo da ciência geográfica foi Friedrich Ratzel, que era antropólogo e geógrafo alemão. Ratzel defendia o determinismo, ou seja, o meio natural tinha grande influência sobre o homem. Para ele o progresso da humanidade se daria através do maior uso dos recursos naturais, assim definindo o objeto da Geografia como “o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade”.

Pontuschka (2009, p. 42) discorre que:

Ratzel afirmava que o território constituía as condições de trabalho e de existência de uma sociedade, prova de decadência de determinada sociedade seria a perda de território, ao passo que o progresso somente existiria com a ampliação territorial. Sustentava que, na luta pela vida, prevaleceriam sempre os mais fortes sobre os mais fracos, como resultado lógico da contenda.

Então, podemos constatar que as ideias de Ratzel eram voltadas ao capitalismo da livre empresa e também da concorrência em que se dominava na época. Ratzel não considerou as qualidades do homem, diminuindo o mesmo a um nível animal, propondo um método de trabalho que se assemelhava ao das ciências da natureza, constituindo o Estado como um organismo protetor e responsável pelo território nacional.

Na Europa em meados do século XIX, a discussão sobre a Geografia se concentrou na Alemanha e foi no final desse século que o pensamento geográfico teve o seu desenvolvimento, ou seja, foi o momento em que ele constituiu o seu próprio espaço. “As ideias dos mestres alemães chegaram também ao Brasil, trazidas pelos geógrafos franceses, mas acrescidas de críticas embasadas na escola criada por Vidal de La Blache e seus discípulos” (PONTUSCHKA, 2009, p. 43).

Então, a Geografia começou a ter o seu domínio na França e tendo introdução como disciplina principalmente nas séries do ensino básico, assim foram criadas as cátedras e também alguns institutos de Geografia, e com isso a Geografia teve maior valorização, porque isso estimulou na busca pela formação de geógrafos.

Pontuschka (2009, p. 44) acentua que:

A análise geográfica lablachiana deveria ter o seguinte encaminhamento: observação de campo, indução a partir da paisagem, particularização das áreas estudadas e do material levantado e classificação das áreas e dos gêneros de vida em séries de tipos genéricos, devendo chegar, no fim, a uma tipologia. As ideias de Vidal de La Blache e de seus seguidores, hoje denominadas por muitos Geografia tradicional, exerceram influência sobre a disciplina tal como era desenvolvida nas universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro e, aos poucos, expandiram-se para outras universidades do país.

A análise lablachiana era feita a partir do estudo da paisagem, esta era observada tanto em estudos do meio quanto nas particularidades que cada área apresentava, para que assim pudesse chegar ao resultado sobre sua tipologia. Sem dúvida as ideias de Vidal de La Blache foram muito importantes e famosas para a época e também nos dias atuais, pois de fato foram se expandindo para todas as universidades do país, e isso é de grande prestígio e importância para a ciência geográfica, principalmente naquele contexto histórico onde tudo era mais difícil e complicado para entrar em vigor.

Os princípios da escola francesa foram os que por um período de tempo, conduziram os estudos de gerações de pesquisadores brasileiros e no trabalho dos docentes pedagógicos.

De acordo com Pontuschka (2009), no Brasil as ideias que foram constituídas pela escola francesa, chegaram aos bancos escolares por meio dos licenciados. Já que com a ajuda de um saber científico que fora desenvolvido na universidade, com a junção do livro didático que, por conseguinte foram feitos pelos próprios professores universitários, assim esses docentes foram planejando e elaborando as suas aulas, com a constituição dos conhecimentos estabelecidos para os diferentes níveis de ensino.

A Geografia tradicional que buscava compreender o espaço geográfico através da relação antrópica com a natureza, começou a ser questionada em meados da década de 50 em muitos lugares do mundo, a partir desse período os geógrafos foram em busca de estudos mais aprofundados e tendo por objetivo conseguir obterem novos paradigmas e novas teorias que fossem diferentes das já encontradas.

Pontuschka (2009, p. 45) acrescenta:

A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1934, e o Departamento de Geografia, em 1946, teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no país e na formação de licenciados para o ensino da disciplina. Do ponto de vista teórico, é importante registrar a profunda influência europeia sobre o desenvolvimento dessa ciência no Brasil, com destaque para a presença francesa, justificada pela nacionalidade dos primeiros mestres, entre os quais Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, na FFCL/USP, e François Ruellan, na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro.

O desenvolvimento da ciência geográfica teve mais espaço devido à introdução do departamento de Geografia fundado na Universidade de São Paulo (USP), que contribuiu fortemente na progressão dessa ciência em nosso país e também formando professores para ensinar a disciplina, e isso se deu a partir da grande influência da escola europeia.

Após a formação da USP, foi criada a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), essa associação foi de grande importância e é ainda até os dias atuais, principalmente para

aqueles que são estudiosos e produzem o conhecimento geográfico. “O nome AGB exprimia o desejo dos fundadores de que a nova associação não tivesse caráter restrito, mas integrasse, em nível nacional, os que desejassem conhecer melhor o país” (PONTUSCHKA, 2009, p. 45).

Naquela época, antes da fundação da USP, quem ensinava Geografia não eram professores dessa disciplina, os que lecionavam eram advogados, engenheiros, médicos e até mesmo pessoas de outras faculdades ou escolas normais, pois antes da criação da USP não existia o bacharelado e tampouco professor com licenciatura em Geografia.

Segundo Pontuschka (2009), após a fundação da USP, foi possível ocorrer algumas mudanças na ciência geográfica. Dessa forma foi lícito desenvolver um profissional novo, sendo o bacharel e o licenciado. Com uma formação profissional, o docente teve mais oportunidades de ganhar espaço no setor de trabalho referente à sua profissionalização e conseguindo provocar mudanças culturais.

A docência em Geografia se desenvolveu com a interação da produção científica, tendo como base os trabalhos realizados em campo, esses trabalhos eram realizados com os alunos, através da literatura abordada pelas escolas francesa e alemã, que era atingida por críticas de professores brasileiros. Quando esses estudantes atingiam a formação inicial, eles já estavam aptos para começarem a lecionar a disciplina de Geografia.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) criou artigos sobre “pesquisas de caráter geográfico, os quais chegaram aos alunos do antigo ginásio e colégio por meio dos professores da área, bem como pelos livros didáticos e pelas orientações metodológicas fundamentais produzidas por esse instituto” (PONTUSCHKA, 2009, p. 49). Esses artigos ajudaram bastante, tendo por objetivo contribuir no ensino dos estudantes que buscavam dados mais precisos sobre o conhecimento geográfico na época e isso era de grande valia.

Já para os alunos do ensino médio, Pontuschka (2009, p. 49) enfatiza:

Para o ensino médio, destacou-se o Boletim Geográfico, com distribuição por todo o território nacional mediante as agências e delegacias do IBGE, tendo sido um dos primeiros a preocupar-se com o ensino de Geografia de forma regular. Esse boletim, que existiu por 36 anos (de 1943 a 1978), possuía uma parte dedicada ao ensino.

O “boletim” tinha por preocupação construir um ensino regular para a disciplina de Geografia no ensino secundário, pois foi um dos primeiros a pensar em um ensino que

estivesse mais preparado e que fosse repassado por todo o território nacional, distribuindo os conteúdos por todo o país.

No ano de 1949, ocorreu a publicação do Boletim Paulista de Geografia (BPG), esse meio fez com que os geógrafos tivessem um “cantinho” seu ou mesmo um espaço para poderem se expressar, isso se deu no estado de São Paulo e mais precisamente na Universidade de São Paulo, os trabalhos eram publicados e estavam crescendo o número de obras, no ano de 2005 já contavam com 81 publicações geográficas no BPG.

O BPG se tornou o espaço em que os geógrafos podiam expor suas ideias e pesquisas, esse lugar ao passar do tempo foi desenvolvendo uma forte bibliografia dos estudantes, que estavam sendo usadas no ensino, tanto da educação fundamental quanto do ensino médio. O Boletim influenciou desde a década de 40 a formação de professores na USP e também nas faculdades particulares de todo o Brasil.

Nesse sentido, a ciência geográfica foi ganhando espaço e desenvolvimento no decorrer dos tempos, com o apoio dos grandes estudiosos e pesquisadores como Alexander Von Humboldt (1769-1859), Karl Ritter (1779-1859) e Vidal de La Blache. Assim, a ciência geográfica conseguiu apresentar o que ela realmente estuda e o que ela tem para transformar na sociedade, evidentemente sendo uma grande ciência para todos os seres humanos.

Portanto, a ciência geográfica é de suma importância, onde a mesma tem como objeto de estudo o espaço geográfico, ou seja, a interação do homem com a sociedade/natureza. Dessa forma, no decorrer dos tempos ela foi sendo constituída com base em observações, pesquisas e estudos mostrando grande transformação e desenvolvimento em sua trajetória. Deixando seus grandes conteúdos para os alunos, transformando e construindo a cidadania, onde cada indivíduo é capaz de conhecer os fatos históricos e possivelmente adentrar nos seus devidos direitos e deveres.

1.2 Educação e ensino de Geografia na contemporaneidade

Na busca por possibilidades em atingir um ensino de Geografia eficaz e bem sucedido que se preocupe com uma cidadania ativa, é necessário conduzir o ensino às condições que propicie uma interação adequada diante dos aspectos gerais do ambiente escolar e da educação. Para muitos a Geografia não passa de uma disciplina chata e decorativa, que para aprendê-la é primordial ter uma ótima memória, porém isso não procede.

A Geografia é uma disciplina complexa e que tem por objeto de estudo o espaço geográfico, onde a partir da primeira década do século XXI ela passou a pensar no ser humano como o centro de suas preocupações.

Rego (2007, p. 42) ressalta:

Muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nessa primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões.

A Geografia é uma disciplina muito importante e para que ela consiga atingir todos os seus objetivos como ciência, é necessário que o ensino da mesma seja voltado para uma construção do conhecimento em que possibilite novos olhares, novos horizontes, novas discussões sobre conceitos, para que o conhecimento geográfico seja um dos pontos de motivação no seu ensino.

Pontuschka (2009, p. 217) defende que:

Ensinar é provocar situações, desencadear processos e utilizar mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem, que permitirá aos professores empregarem métodos ativos, para engendrar a ação didática em bases sólidas, evitando tentativas ou ensaios e práticas infrutíferas, demasiadamente perigosos, sobretudo quando as ações são exercidas sobre crianças e adolescentes.

Para ensinar não basta ir à escola e transferir conhecimento, isso não é o certo a se fazer, ensinar vai além de uma simples transferência do saber, ensinar é construir o conhecimento junto com o conceito que o aluno já traz em sua bagagem, e como nos encontramos em uma época em que a tecnologia está em destaque, em um nível alto, o ensino de Geografia passa por mudanças, transformações e novas influências.

Um período em que a sociedade contemporânea dispõe da tecnologia informacional científica avançada, com a grande infinidade dos meios eletrônicos, computadores, celulares, digital, tablet entre outros. Com esse advento da tecnologia quase todas as pessoas do mundo podem ter acesso à informação, independentemente de onde as mesmas estejam, pois a informação chega através dos meios da internet, redes de televisão, e-mail, fax etc.

Com a grande quantidade dos eletrônicos adquiridas pelos alunos, pode ocorrer o acesso imediato de informações precisas, eles conseguem obter conhecimentos importantes no processo ensino/aprendizagem. Contudo, por outro lado encontra-se alunos que usam o meio tecnológico para outros afazeres que não contribuem no processo de aprendizagem.

De fato, a tecnologia contribui de um lado, mas dificulta do outro, se tratando de alunos a questão se torna mais complexa. Já que, “alguns” adolescentes e crianças se distraem diante dos aparelhos eletrônicos (celular, tablete, notebook, etc.) e ficam desatentos durante as aulas. Segundo Castells (1999), vive-se o período da sociedade da informação pelo fato da infinidade de meios eletrônicos, pelos quais a informação pode chegar aos diversos lugares atendendo a uma infinidade de pessoas.

Nos tempos atuais existem mais oportunidades de nos mantermos informados, visto que estamos cercados por várias informações e recursos eletrônicos, que fazem com que os “alguns alunos” não tenham tanta motivação e interesse pelo estudo de Geografia e de outras disciplinas. Então, é necessário que o educador busque um olhar crítico por parte dos alunos, para que haja a construção do conhecimento geográfico de forma curiosa e atrativa.

Oliveira (1994, p. 143-144) afirma que:

Nos dias de hoje só tem havido lugar para duas grandes vertentes ideológicas no ensino de Geografia. Ensinar uma Geografia neutra, sem cor e sem odor. Uma Geografia que cria desde o início trabalhadores ainda que crianças, ordeiros para o capital. Ou ensinar uma Geografia crítica, que forme criticamente a criança, voltada, portanto, para seu desenvolvimento e sua formação como cidadão. Uma Geografia preocupada desde cedo com o papel que estas crianças/trabalhadores terão no futuro deste país. Uma Geografia que possibilite às crianças, no processo de amadurecimento físico e intelectual, irem formando/criando um universo crítico que lhes permita se posicionar em relação ao futuro, que lhes permita finalmente construir o futuro.

Para que o ensino de Geografia forme cidadãos conhecedores dos seus direitos e deveres, e também construa uma visão crítica acima de tudo que o mundo pode mostrar, é essencial desenvolver na sala de aula uma Geografia crítica, que motive o aluno buscar não só da verdade que é dada sobre determinado assunto, mas faça com que esse aluno busque outros novos conceitos e que forme novas verdades. “O que se pode perceber é que as transformações sociais contemporâneas têm levado à necessidade de repensar e discutir a escola e o ensino de Geografia. Repensar no sentido de construir uma educação que seja significativa para a prática e o exercício da cidadania” (DOS SANTOS, 2006, p. 74).

Então, é essencial ter clareza dos objetivos gerais da educação e os específicos da Geografia, é fundamental trabalhar com os conteúdos que de fato são significativos e relevantes na sociedade, assim possibilita um pensar que se baseia no método dialético, ou seja, um pensamento que esteja em movimentação, e contraditório onde o conteúdo é uma ferramenta que será utilizada pelo aluno na compreensão da espacialidade. “É imprescindível

que os conteúdos sejam estruturados no sentido de proporcionar o desenvolvimento da capacidade de pensar” (DOS SANTOS, 2006, p. 71).

Então, devemos pensar com autonomia, com criatividade e termos visão crítica, pois é importante trabalharmos as aulas de Geografia com o intuito de que o aluno consiga constituir à sua cidadania.

De acordo com as constatações de Dos Santos (2006, p. 71):

Um outro elemento importante em uma proposta de ensino é a necessidade de ir além dos conteúdos, ou seja, a transformação de um conteúdo da ciência geográfica para a disciplina geográfica devendo ser reatualizada em decorrência da realidade do aluno e do seu meio, existindo assim, uma transmutação pedagógica didática. Tais como devem ser estruturados a partir de desdobramentos de conceitos amplos da ciência geográfica (espaço, lugar, território, paisagem, região, natureza, sociedade, entre outros) e retrabalhados na matéria (...).

Nesse sentido, os conceitos geográficos (espaço, território, paisagem, região, natureza, sociedade, etc.), devem ser trabalhados e atualizados a partir da realidade e do meio em que os alunos fazem parte. Essa proposta deve partir de uma necessidade que busque ir além dos conteúdos, isto é, envolver a cotidianidade dos alunos aos conteúdos geográficos.

De acordo com Castrogiovanni (2011), o ensino de Geografia conjuga o conhecimento temático com a prática pedagógica. Este processo, por sua vez, está ancorado em pressupostos epistemológicos convergentes, embora muitas vezes o professor que tenha um conhecimento de concepção positivista possa não ter clareza. “Por exemplo, um conhecimento de concepção positivista desfavorece uma prática pedagógica baseada numa educação crítica. Nesse sentido é preciso discutir as (inter) conexões entre educação e Geografia para termos clareza sobre os seus paradigmas” (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 16).

De fato é preciso conhecer as conexões e os paradigmas da Geografia, para que não haja um choque entre pensamentos contraditórios, ou seja, um pensamento tradicional com um crítico, pois ambos defendem suas particularidades, seus métodos, entre outros.

Castrogiovanni (2011, p. 16) revela que:

A educação tem como uma das questões centrais a construção do conhecimento. A interação entre o conhecimento e o comportamento é o resultado do processo de elaboração subjetiva nas trocas cotidianas com as condições concretas da vida. O pensamento e suas operações/tensões/mediações representam a realidade, nem sempre objetiva, a partir da apropriação e da interação com ela. É a apreensão do intelecto na relação sujeito/objeto, portanto, com o mundo exterior. O pensamento é, então um, processo de síntese, um resultado dessa interação.

Nota-se que a construção do conhecimento e da aprendizagem se constituem a partir do que está sendo disponível, pela interação com as condições em que cada indivíduo se encontra, isto é, condições objetivas e subjetivas que ocorrem na vida social. “A diferença, contudo é que esse processo não deve ser considerado individual, mas um processo social” (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 17).

O indivíduo vai construir um conhecimento que venha a ser introduzido sob às dimensões econômicas, culturais e políticas, no período em que está inserido. Esse indivíduo é ao mesmo tempo biológico e subjetivo, assim possibilita ter visão sem a separação do olhar humanista e metafísico, esse olhar faz com que esse ser tenha compreensão do sujeito como sendo um ser único, pelo fato de ser consciente e vital.

Observa-se que ao viver em um mundo globalizado, onde a globalização está cada vez mais feroz e veloz sendo comandada pelo capitalismo, muitas relações que o indivíduo exerce acabam sofrendo influências perante o mundo do consumo. O indivíduo passa a ser sujeito como autor do seu processo organizador, que o individualiza, o distingue, o diferencia e o faz existir.

Castrogiovanni (2011, p. 18) relata:

Acreditamos que o grande equívoco de muitos educadores, face ao avanço das teorias pedagógicas, parece ser o de reduzir a educação, quase que exclusivamente aos processos cognitivos, como se fossem o centro da educação, sem considerar o que é sujeito. O certo (será que existe o certo?) e que devemos compreender/explicar a aprendizagem através da gênese, da estrutura e do funcionamento do psiquismo, da construção e do desenvolvimento intelectual.

Nesse sentido, não é necessário alhear as condições socioeconômicas e também as afetivas dos educandos, e isso serve também sobre o papel e o fundamento histórico da instituição nas contradições que emergem a escola e sociedade. “O processo de ensino-aprendizagem e, em especial o ensino de Geografia, deve considerar a análise e a crítica que se faz à instituição escolar situando-o no contexto político social e econômico do mundo” (DOS SANTOS, 2006, p. 67).

Para que o ensino de Geografia supere a possível memorização/descrição, temos que introduzir no ensino a epistemologia construtivista e a prática relacional, ou seja, a comparação/relação e análise/crítica. Acreditamos que esse é o melhor caminho no momento, para chegarmos a um ensino de Geografia eficaz e com sucesso. De maneira em que compreendemos a “Geografia como um conjunto de conhecimentos produzidos/refletidos na interação sujeito/objeto, como resultados de processos de construção objetiva/subjetiva nas

trocas cotidianas, com as condições de vida, como um processo de síntese, num trabalho de interação” (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 18).

O ensino de Geografia deve-se exceder através da compreensão dos processos e não de maneira classificatória, essa maneira classificatória é conservadora, ela não procura buscar o entendimento dos processos. Pois, compreender os processos é fundamental, ela torna como embasamento a análise objetiva, aprendendo os grupos das conexões internas, com seus conflitos e tensões, desde sua origem e transformações.

De acordo com Castrogiovanni (2011), os movimentos contraditórios que se tornam unidade dos contrários, ajudam na disponibilização de operar de forma mais ampla e complexa o espaço geográfico. Então, o professor deve estar atento à tudo, sabendo que tudo está interligado e que não se deve descartar um conteúdo que hoje possa ser insignificante, mas que amanhã poderá ser muito preciso e valioso.

Existe uma grande complexidade na sociedade que traz discussões, perguntas e respostas sobre determinado assunto e para conseguir atingir eficácia no ensino, o educador deve sempre procurar buscar o inovador, que fique ao mais próximo da realidade do educando, pois cada um está inserido em uma sociedade com diferentes culturas, linguagens, tradições, etnias e que algumas vezes não são valorizadas pela escola.

Castrogiovanni (2011, p. 19) alerta:

Ensinar a Geografia, é portanto, analisar historicamente o espaço geográfico, esse que é o espaço de existência das mulheres e dos homens, e isto, em última instância, é compreender pela sua gênese e conteúdo, não apenas pela aparência ou forma. Quer dizer, é compreendermos o passado à luz do presente em função da transformação social, de um novo futuro.

O ensino é um movimento amplo e dinâmico que não tem limites, o aluno tem que ser visto como sujeito e também como objeto histórico que desde antigamente passou e passa por transformações perante o ensino, onde esse sujeito/objeto é consciente e condicionante dos seus próprios fatos históricos.

O ensino exige por parte do professor que tenha coragem de despertar e buscar no educando curiosidades sobre o mundo em que vive, ter capacidade criativa e um potencial que busque um olhar crítico e inquieto sobre a vida. “Esta coragem está com a postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considere o educando como um mero receptor de verdades absolutas, mas como sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas” (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 22).

O professor tem que ser um pesquisador do conhecimento geográfico, ele deve ir buscar além do que está contido nos livros, pois existem diversos meios de melhorar e aprofundar a construção do conhecimento em cima da realidade contemporânea que cada educando vive. Uma sociedade em que quem está progredindo tem que ser criativo, usando sempre a criatividade para resolver questões do cotidiano, onde essas questões necessitam de agilidade de decisão e usar o intelectual, assim o ensino como competência surge para alternar a precisão de mudanças e transformação na educação.

Segundo Castrogiovanni (2011), o ensino somente por conteúdos não satisfaz mais, pois é preciso trabalhar com caminhos que evoquem a prática, na realidade contextualizada dos educandos, tendo por objetivo a junção das suas tensões, necessidades e interesses. É preciso que o professor trabalhe de forma coletiva, já que a Geografia é o cotidiano, a paisagem, a relações entre os seres humanos com os lugares, e tantas outras variações que abarcam o espaço geográfico.

Callai (2001, p. 134) salienta:

A Geografia, entendida como ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, a questão da sociedade, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania.

Então, as transformações e mudanças vividas pela sociedade contemporânea, evidentemente que conduziram à necessidade de pensar no processo de ensino de Geografia a partir dos objetivos, conteúdos e métodos, “buscando a construção de um conhecimento geográfico que permita a formação de uma cidadania mais crítica que possa, assim, enfrentar os desafios atuais vividos pela sociedade” (DOS SANTOS, 2006, p. 67).

Para que o ensino de Geografia se insira nessa perspectiva, é fundamental que o professor valorize os seguintes pressupostos como aponta Castrogiovanni (2011, p. 23):

- a) Entender a Geografia como uma ciência que, ao tratar o espaço geográfico, concebe-o na sua construção interativa entre natureza e sociedade.
- b) Valorizar no ensino de Geografia o lugar, entendido como espaço próprio, o espaço de existência e da coexistência.
- c) Valorizar as operações concretas, considerando o estágio de desenvolvimento cognitivo do aluno.

Ao abordar a natureza o professor irá considerar toda a sua dinâmica no envolvimento da organização com a sociedade, trazendo o questionamento de quais as consequências que ocorreram na interação da sociedade/natureza. Dessa maneira, podemos superar a dicotomia

existente entre a natureza e sociedade no ensino de Geografia. Valorizar o lugar é fundamental para ter o maior conhecimento das relações humanas que foram construídas nesse espaço.

Por fim, valorizar as operações concretas, é de fato trabalhar com os conteúdos na busca de conceitos e na construção do conhecimento que estão sendo vivenciados pelos educandos, ou seja, levar a realidade concreta que faz parte do seu espaço/cotidiano.

Portanto, esses são pressupostos que partem de exemplos de práticas que podem e devem ser usadas pelos educadores, pois eles partem da cotidianidade dos educandos, que tem por objetivo desenvolver a busca de conceitos e significados sobre o espaço geográfico. O ensino de Geografia deve partir da realidade do aluno, para que possamos conseguir desenvolver as habilidades de construção do conhecimento, assim atingindo um grande êxito na assimilação dos conteúdos, incentivando sempre o alunado a ter curiosidade e buscar novas respostas e conceitos, sobre aquilo que é pesquisado e estudado.

1.3 A Geografia escolar no cotidiano do professor e aluno

A Geografia está presente no cotidiano de todos inseridos numa sociedade, ela está ao nosso redor e levar para a sala de aula o ensino de Geografia é uma tarefa em que o professor tem que saber como induzi-la, para que consiga instigar nos alunos atratividades sobre os conhecimentos geográficos. De fato é primordial que o educador introduza as relações cotidianas da realidade dos alunos, assim será mais agradável manusear e construir o conhecimento acerca da vivência de cada um.

No ensino de Geografia, os saberes escolares sobre o espaço geográfico são os objetos de conhecimento que resultam da cultura geográfica, construída por um longo período de tempo pela humanidade e que é considerada muito pertinente na formação do aluno. “Propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes” (CAVALCANTI, 2012, p. 45).

O espaço escolar é dessa forma um lugar em que se agrupam várias culturas, vários saberes tanto científicos como saberes cotidianos, essas particularidades sociais de cada sujeito estão contidas em toda à escola, seja no corredor, na sala de aula, no pátio etc., Evidentemente, que a escola responsabiliza-se com as culturas que são uma das bases essenciais para construir o ensino, que dessa forma envolve a cotidianidade dos educandos.

Cavalcanti (2012, p. 45) expressa:

Na escola, o ensino das diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em razão, ainda, da cultura da escola. A tensão entre a priori de um conhecimento, a organização do trabalho pedagógico na escola e a identidade de alunos e professores deve ser a base para a definição do trabalho docente.

Nesse entendimento, quando o educador está ensinando Geografia ocorre à abertura do espaço na sala de aula, que vai construir um trabalho com introdução nos diferentes saberes dos agentes nesse processo de ensino, com relação aos alunos e professores.

As atividades desenvolvidas pelos professores e alunos constroem Geografia, quando os mesmos circulam, brincam, fazem isso trabalhando pelos bairros e cidades, acabam construindo lugares, produzindo espaço, por conseguinte delimitando os seus territórios. A partir dessas construções, os alunos conseguem formar espacialidades cotidianas no mundo em que vivem e acabam por contribuir com a produção do espaço geográfico mais amplo.

Dessa forma, quando os alunos constroem Geografia, eles estão ao mesmo tempo construindo conhecimentos sobre o que elaboram no espaço vivido, pois, ao interagirem com coisas, histórias, fatos e alguns processos da vida cotidiana em sociedade, os alunos começam a construir e reconstruir Geografias e também informações sobre elas.

Sobre a prática cotidiana Cavalcanti (2012, p. 46) revela que:

A prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento, discutindo, ampliando e alterando a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica, necessária ao exercício conquistado de cidadania.

A Geografia escolar constrói um laço entre a vida cotidiana do aluno, assim o professor busca introduzir os conhecimentos trazidos em sua bagagem do aluno com aqueles constituídos no ambiente escolar.

O conhecimento da Geografia escolar é de fato constituído pelos educandos com base na Geografia e que constrói um fundamento básico para o planejamento do seu trabalho docente, entretanto, há outros princípios da competência pedagógica dos educadores para haver a realização do próprio trabalho docente. “O conhecimento do conteúdo geográfico precisa ser repassado de forma apropriada, de maneira que reproduza os conhecimentos construídos culturalmente pela humanidade, redefinindo possibilidades de reconstrução contínua pelo aluno e pelo professor, no cotidiano da sala de aula” (DE LIMA, 2006, p. 45).

O processo de construção do conhecimento por parte do educador se atribui de forma referencial mais direta, pois de um lado, está o conhecimento geográfico que o mesmo

adquiriu na universidade, e do outro, tem-se a própria Geografia que já está constituída, ou seja, a Geografia escolar não é aquela que se ensina ou que se procura investigar na universidade, essa é a Geografia acadêmica, de fato as duas fazem parte do conhecimento geográfico, pois elas guardam relações entre si e ambas não são divergentes.

A Geografia escolar tem se constituído com base nas referências da Geografia acadêmica, ou seja, do movimento autônomo de processos e também das práticas escolares, de algumas indicações oficiais que são formuladas em outras instâncias, de concepções individuais e pessoais dos educadores que são resultados de muitas experiências que tiveram com a Geografia e com a prática escolar.

Cavalcanti (2012, p. 93) acrescenta:

Promover a articulação entre a Geografia acadêmica e a escolar, buscar formas de alimentação recíproca de uma pela outra são ações a serem realizadas pelos professores de Geografia das escolas de educação básica no exercício da reflexão coletiva, na escola ou fora dela, que permite explicitar e sistematizar seu conhecimento da Geografia escolar.

Nesse sentido, essa articulação é necessária que seja promovida pelos professores da própria Geografia acadêmica, em busca de uma reflexão para compreender as relações e também as diferenças entre ambas as Geografias, qual foram os processos que as constituíram, quais os caminhos em que uma pode ajudar a desenvolver análises e resultados sobre a outra, assim essa reflexão leva ao caminho em que as duas foram estruturas como teórico-práticas da ciência geográfica.

De Lima (2002, p. 46) aborda:

Os conteúdos trabalhados nos cursos de graduação em Geografia são necessários para o reconhecimento e organização dessa área acadêmica, mas não basta dominar conceitos teóricos, é preciso refletir sobre as concepções pedagógicas que perpassam a relação teoria e prática, revendo a didática e a metodologia que instrumentalizam esses trabalhadores para o exercício da profissão docente.

Nessa perspectiva, temos noção de como é a visão integral do ser humano, onde o mesmo tem um posicionamento profissional que procura relacionar e interagir com os conhecimentos existentes em outras ciências, para atingir uma postura de interdisciplinaridade no desenvolvimento de muitas atividades no ambiente escolar. Visto que, ensinar é o trabalho do alunado com o saber sob a interação e mediação do educador, e o ensino de Geografia ajuda o aluno a compreender a realidade, assim entende-se que a mesma é uma construção

social sobre o meio natural, essa construção internamente diferenciada não pode ser escondida ou mascarada.

É primordial sempre ocorrer o repensar sobre o ensino de Geografia, precisando estar contextualizados com o espaço escolar e, por conseguinte dar um enfoque sobre as especificidades do urbano e rural, que ambas fazem parte da realidade de muitos alunos. “Assim, a proposta didático-metodológica do ensino de Geografia não pode desconsiderar tais questões, pois essas perpassam a vida do ser humano e modificam seu espaço de vivência, interferindo nas relações cotidianas, construindo valores e transformando culturas” (DE LIMA, 2002, p. 47).

Para muitos professores, o que foi ao longo do tempo constituindo a história da Geografia foram os estudos teóricos baseados nas necessidades das comunidades no contexto do urbano e rural, sendo relacionadas à docência intra e extra da Geografia. Pois, não queremos aqui aplicar paradigmas já pré-estabelecidos, mas tentar inovar experimentando novas metodologias que vão de encontro com a vida cotidiana dos alunos e de suas necessidades, ou seja, construindo saberes que são de fato reais. Dessa forma, a escola está promovendo a interação com os conhecimentos e saberes sociais e pedagógicos, que são elementos fundamentais para obter o desempenho de um profissional de Geografia.

De Lima (2002, p. 48) acentua:

Assim, a efetivação de um currículo de Geografia em nível nacional precisa observar a realidade escolar, repensando as formas de construção do conhecimento, de atitudes e objetivos, dos que ensinam e dos que aprendem. Nessa linha de análise, reforça-se uma (re) definição da Geografia em seus aspectos teórico e prático, considerando a necessidade de interlocução do saber científico com o saber prático, e uma (re) formulação curricular.

Muitos graduandos que já ingressaram no ambiente escolar da universidade carregam consigo as experiências vividas no espaço real, onde precisam adquirir valor e conhecimento através das histórias e dos saberes sobre a ciência em que pertencem. É necessária uma reflexão acerca do que se aprende e do que se ensina, com isso possivelmente a atuação prática consiga promover a interação do saber que se aprendeu na universidade com os conteúdos a serem trabalhados e desenvolvidos na sala de aula.

Nesse raciocínio, os profissionais que atuam com a Geografia, evidentemente poderão a partir de suas próprias experiências proporcionarem o melhor redimensionamento do ambiente escolar.

Sabemos que a escola ainda é ausente na aproximação com a vida e com o cotidiano dos alunos, pois ela não tem o envolvimento com o mundo contemporâneo, assim ela não tem como explicar as inovadoras leituras de vida. A vida de cada aluno fora da escola é bem diferente do que no espaço escolar, cada um apresenta certa maneira de vida como: anseios, dificuldades, emoções entre outras, que se distinguem de cada aluno presente na sala de aula. “As ciências passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões” (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 11).

O espaço escolar tem que estar formalizado para não se tornar somente um ambiente de anseios das relações sociais entre os alunos, dessa forma a constante renovação do ensino de Geografia é de fundamental importância, pois de fato é comprometimento dessa ciência interpretar o espaço social, com interação do ponto de vista do ser humano e também não podemos deixar de lado questões referentes ao espaço físico.

A partir dessa visão, a ciência geográfica é primordial na compreensão sobre todos os aspectos e as questões que envolvem a sociedade, ou seja as questões sociais, e isso se torna mais eficaz porque ocorre a relação da Geografia com outras ciências que tem como categoria à análise da sociedade, então a Geografia contribui no entendimento e na intervenção da realidade concreta, que foi construída e reconstruída pelos seres humanos.

Sobre o espaço escolar, De Lima (2002, p. 48) salienta que:

O espaço escolar deve ser compreendido como um instrumento necessário para o ensino de Geografia, como forma de orientação do aluno à compreensão do mundo social, promovendo uma relação concreta entre a teoria e prática. As discussões e reflexões sobre o ensino de Geografia precisam enfatizar as relações e interações das dimensões técnicas e sociais, como aspectos históricos, constitutivos da formação dessa ciência.

Portanto, a reflexão em análise ajuda a reforçar o posicionamento de que a formação está pautada por estratégias de ensino/aprendizagem que mediam com a realidade da educação concreta, assim estabelecendo laços entre a teoria e prática. Pois, o redimensionamento entre o aprender e ensinar intenciona à uma reconstrução dos currículos e do próprio conteúdo a serem trabalhados.

Entretanto, essa abordagem tem que ter uma nova postura do profissional da educação, enfatizando a formação do geógrafo, que tem por elemento primordial trazer uma reescrita do mundo, para refletir sobre as ações em que estão sendo inseridas profissionalmente, ou seja, no espaço de vivência profissional.

Para que haja formação inicial e continuada é preciso ocorrer inter-relação entre o saber geográfico e o fazer pedagógico, onde o professor vai atender o ensinar às reais necessidades em que o mundo atual se encontra, dessa forma ele está valorizando o seu trabalho docente como professor e pesquisador. Pois, construir o conhecimento geográfico é bastante significativo, e principalmente quando o ensinar parte de princípios vivenciados no cotidiano.

2 CAPÍTULO

2.1 Teoria versus prática: um diálogo necessário

A prática de ensino a partir da realização do estágio supervisionado é compreendida como um componente de fundamental importância no processo de formação profissional docente, que concede a articulação do estagiário com o espaço escolar e com a sala de aula, traçando a construção de diversas relações no espaço de troca, de saberes entre o estágio e o professor (a) supervisor (a), onde este último teoricamente tem bagagem de experiência na sala de aula; a partir dessa experiência o mesmo pode influenciar e contribuir nas metodologias dos futuros docentes, relações que levam à construção de competências para a atividade docente em Geografia.

Por intermédio das atividades desenvolvidas durante o estágio é possível colocá-las em prática, assim elas acabam servindo de assistência para a atuação do docente de forma mais qualificada ao ingressar no mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, o estágio tem como papel possibilitar aos estudantes universitários a vivência no cotidiano escolar, construindo novas informações e habilidades técnicas, também como novos conhecimentos metodológicos necessários para o desenvolvimento da profissão docente.

Já o conhecimento teórico, tem por objetivo orientar a prática docente, onde essa prática precisa ser o centro em torno do qual rege o currículo acadêmico, pois o conhecimento acadêmico e teórico só é aproveitável a partir da vivência de problemas concretos.

Nesse contexto, para Gómez (1995) o pensamento prático não pode ser ensinado, entretanto pode ser aprendido. O autor lembra que a prática deve ser um processo de investigação e não um contexto de aplicação de teorias, o que é realçado por Pimenta (2010, p. 92) quando afirma “a prática é considerada mera aplicação ou degradação da teoria”.

De fato, a elaboração da pesquisa não pode dizer o que o professor deve ou vai ser na sala de aula diante da hipótese de se perder no tecnicismo, mas com certeza pode viabilizar instrumentos para que se compreenda o que acontece, e dessa forma buscar modificá-la. De fato, constituiria a oportunidade de apropriação pelo futuro professor de conhecimentos teóricos e de produção de novos conhecimentos, que são de relevante importância na prática e teoria docente.

Então, a teoria anda evidentemente junto com a prática, porém ocorrem algumas contradições entre a aplicação dessa teoria na sala de aula, pois o que é enfatizado na

universidade sobre como é a teoria na sala de aula, acaba sendo bem diferente do que ocorre na realidade do ambiente escolar.

De fato, os licenciandos encontram várias dificuldades quando colocam em prática o que pretendem ensinar e percebem que na teoria é de um jeito e na prática de outro, sim isso é verídico, sendo observado principalmente quando tentam colocar em prática os conteúdos que devem ensinar para os alunos. “A formação inicial perpassa pela relação teoria e prática, entretanto, tem sido alvo frequente de constatação em produções científicas e acadêmicas, segundo as quais esta não tem sido satisfatória e adequada na reparação docente” (SANTOS, 2013, p. 254).

Então, a partir disso foi necessário analisarmos sobre o que ocorre para que a teoria se desassocie da prática, ambas devem andar juntas e terem reciprocidade, mas não é recíproco quando se fala em teoria e prática, isso na realidade tem que ser uma questão de tempo para os licenciandos se acostumarem, já que na universidade a teoria é enfocada de maneira construtiva, entretanto quando colocada em prática se percebe a realidade. “É imprescindível que os cursos de formação inicial discutam a importância da teoria na prática docente, assim como na prática e vice-versa. É preciso, porém, ter muita cautela nesta discussão em que se antecipa a teoria para atender a prática” (SANTOS, 2013, p. 256).

Um dos principais caminhos para atingir eficácia e satisfação na prática dos licenciandos em Geografia é saberem como conduzir a sala de aula, não basta só saberem Geografia, contudo saberem como ensinar e o que ensinar. Isso se enquadra na teoria aprendida na universidade, e ao levarem essa teoria para a sala de aula isso se torna mais um obstáculo para enfrentarem.

Visto que, não é só ir para a sala e jogarem conteúdos em cima dos alunos, devem de fato analisar o local, conversar com os alunos, interagindo com todos da sala de aula para tentarem obter harmonia que torne o ambiente um lugar de construção de conhecimento no ensino/aprendizagem.

Santos (2013, p. 256) afirma que:

A integração teoria e prática deve permear a formação do docente em Geografia, priorizando a contextualização do que se aprende na academia e do que é instituído no cotidiano profissional. Esta se constituiu em uma das minhas preocupações no decorrer do estágio e, por isso, entendo a pesquisa no estágio enquanto instrumento de articulação entre as teorias desenvolvidas na universidade e as teorias discutidas na prática educativa, fazendo com que os licenciandos percebam a importância destas na profissão docente.

Agora, iremos abordar sobre como é a teoria que os licenciandos em Geografia aprendem na universidade e como é posta essa mesma teoria na sala de aula, com o intuito de analisarmos sobre como é verdadeiramente a prática na sala de aula, pois são lugares bem distintos: a universidade e a escola.

Quando os estagiários colocam em prática os seus planos de aula é evidente que os mesmos percebem certa mudança no que estava sendo apresentado na universidade sobre a teoria e prática. Dessa forma, é importante enfatizarmos sobre teoria e prática, já que ambas andam juntas, mas que se tornam tão distintas.

Não é de hoje, pois faz muito tempo que se discute sobre às relações entre as duas grandes dimensões no cotidiano de um educador, ou seja, estamos nos referindo sobre a “teoria e prática”, então para que possamos compreender melhor sobre ambas, iremos apresentar algumas definições dos termos.

Segundo a etimologia do termo “teoria”, ela deriva do grego *θεωρία*, tendo com significado o conhecimento especulativo, meramente racional.

De acordo com o Novo Aurélio Século XXI (1999), o principal dicionário da língua brasileira traz como definição de teoria: 1) o conjunto de princípios fundamentais duma arte ou duma ciência; 2) doutrina ou sistema fundado nesses princípios; 3) hipótese, suposição.

Então, a partir dessas definições já podemos compreender o significado de teoria, ou seja, a teoria é um saber que é colocado em ação, mas assim se cria o ponto contraditório entre a concreta realidade e o que é pensado, sendo o teórico. Temos sempre um conceito formado de que a teoria está envolvida com a nossa própria ação.

Podemos compreender essa ação como sendo material, objetiva, transformadora e que a partir desses quesitos ela corresponda aos interesses da sociedade e também tem consideração do ponto de vista histórico social. Ela não é apenas uma produção da realidade material, mas se torna a realidade vivida por todos os seres humanos em diferentes tipos de ações.

Também temos outra definição de prática que tem como vínculo a ideia do concreto, do real, ou seja, na junção com o concreto e abstrato. Podemos entender o concreto como o ponto inicial da observação e da concepção, já quando vamos para o que significa no senso comum o mesmo é compreendido como uma síntese, ou até resultado, mas não como o ponto inicial de partida. O concreto é também pensado como a síntese de diversas determinações.

Dutra (2010, p. 29-30) ressalta:

Acreditamos que a compreensão do que seja teoria e prática vai além da busca por definições para esses termos, antes disso, é uma questão de método e de comportamento, pois envolve a postura que assumimos diante do que nos cerca, diante da realidade em que vivemos. Para compreendermos esses termos é preciso abandonar certos simplismos existentes na relação entre esses vários conceitos que se encontram, mas que se parecem.

De acordo com Dutra (2010), desde muitos tempos atrás existe essa questão sobre a dimensão da verdadeira realidade sobre a teoria e prática, uma se voltando à outra. Essa relação de uma frente à outra ocorreu desde a antiguidade grega. Na maior parte da sociedade grega que era separada por classes, os trabalhos ou atividades feitas manualmente foram colocadas como sendo inferior às atividades intelectuais.

Naquela época o trabalho era dividido em livre, com peculiaridades próprias de detentores de ócio, que permitiam meditar e enriquecer a sua alma, e por outro lado os escravos, que constituíam um grupo de bárbaros ou estrangeiros que se encarregavam de trabalhar com sua força e próprias mãos para que fossem feitas às satisfações imediatas das necessidades.

Dutra (2010) enfatiza que no período Renascentista essas crenças não se esgotaram e foram ganhando persistência. Como exemplo, podemos citar Leonardo da Vinci que buscou dignificar a prática da pintura que era e sempre será manual por excelência, trazendo a mesma à condição de ciência para salvá-las de possíveis críticas.

No período da Revolução Industrial, Maquiavel festejou a introdução da técnica, e acabou desprezando o trabalho manual, que por causa de motivos político-econômicos os trabalhadores recebiam salários miseráveis e na política crescia a concentração de ambições movidas pelas classes dominantes.

Na filosofia clássica, Sócrates era a favor da prática, já para Platão o que importava era apenas a ideia (salientava a teoria), e por fim Aristóteles deixou isolados esses dois aspectos, que depois de algum tempo iria influenciar a ciência moderna. “Essa influência deu origem a duas concepções de ciência: a positivista, que isola radicalmente a teoria da prática e a marxista, que desconhece tal dicotomia” (DUTRA, 2010, p. 30).

Com base na literatura que abordamos, foi possível caracterizarmos duas formas de relações existentes entre teoria e prática, onde uma é capaz de conceber a dicotomia entre as duas dimensões do real e a outra em que está associada entre elas. Para termos melhor compreensão, no primeiro caso temos uma ênfase que está concentrada na separação entre teoria e prática. Entretanto, não se trata de diferenciar uma da outra e sim de contribuir com total autonomia em relação à ambas.

Dutra (2010, p. 31) enfatiza que:

A visão mais radical dessa forma de relacionar teoria e prática é pautada na dissociação entre essas duas dimensões da realidade, mediante a qual ambas se constituem como componentes isolados dessa realidade. Dessa forma, cabe aos teóricos pensar, elaborar, planejar e refletir, e aos práticos, agir, executar e fazer, cada um desses grupos operando segundo sua lógica própria.

Nesse contexto, a separação existente entre a relação teoria e prática com a realidade aparecem em uma escala radical, ou seja, são analisadas como dimensões que se isolam da realidade. Por isso, é necessário aprofundamento dos teóricos em (pensar, elaborar, refletir etc.) e dos práticos em (agir, executar e fazer), sendo possível a partir dessas ações, às trocas entre vantagens e compreensão sobre o que cada dimensão pode oferecer diante da realidade profissional.

De acordo com Montero (2005), grande parte da responsabilidade pela consolidação desse tipo de postura ocorreu devido ao fato de em vários ramos profissionais, diversos práticos aceitarem as orientações de outros sem ao menos procurarem estudar as vantagens, adequações e benefícios em partida das intervenções na realidade e também da própria construção e formação do trabalho profissional.

Na outra visão associativa, podemos compreender que a teoria e prática “são dimensões da realidade com identidades próprias, mas não opostas. Dentro desta visão, há uma possibilidade de entender tais dimensões como justapostas” (DUTRA, 2010, p. 31).

Dessa forma, em um primeiro caso a teoria tem primazia frente à prática, considerando-se que a prática não é possível criar novas situações. Pois, a inovação se constrói devido à dimensão teórica, e a prática só tem importância ao decorrer em que se confirmam alguns pressupostos teóricos. “Esse caso influenciou a concepção positivista de ciência e de educação” (DUTRA, 2010, p. 31).

Pensando em um segundo caso, a visão associativa se desenvolve na defesa de uma plausível articulação entre a teoria e prática. Entretanto, “nesse caso”, articulação não quer dizer identidade entre ambas dimensões.

Dutra (2010, p. 31-32) expressa:

Existe uma diferenciação entre teoria e prática no centro de um núcleo indissolúvel. Essa articulação é garantida pela simultaneidade e reciprocidade, de autonomia e de dependência de uma em relação à outra. A teoria não comanda a prática e a prática não significa a simples aplicação da teoria.

A partir desta visão, podemos compreender que essas duas dimensões “teoria e prática”, são evidentemente componentes indissolúveis da práxis, pois por um lado é teórico e pelo outro é prático, sendo impossível separá-las. “Assim, a relação estabelecida entre teoria e prática é vista como um conjunto de revezamento em uma unidade que é marcada por múltiplos componentes, tanto teóricos como práticos” (DUTRA, 2010, p. 32).

Nessa perspectiva, os licenciandos em Geografia dispõem de duas grandes e importantes dimensões inseparáveis e que são necessárias para uma futura docência satisfatória e vitoriosa. Mesmo sendo complicada a intercessão de ambas dimensões, é primordial que os licenciandos trabalhem visando a forma mais adequada de interagir com a teoria e prática, em busca de sintonia que ajude na relação com o espaço escolar.

Segundo Alcântara (2010), a aliança entre teoria e prática é o caminho para se alcançar uma teorização crítica e uma prática reflexiva. Contudo, há uma diferença entre compreender e pôr em prática uma concepção teórica.

Alcântara (2010, p. 06) aponta:

Neste sentido, a dimensão prática assume um papel fundamental no processo de formação do professor. Sua formação deve aliar ambas as dimensões de forma a clarificar suas interações. O professor deve ser capaz de refletir sobre as teorias, saber usá-las e identificar sua importância na condução da prática cotidiana.

Esse desenvolvimento apresenta dificuldades quando os professores das universidades de educação praticam e reproduzem o ensino tradicional e assim costumam exigir dos professores que fazem um trabalho inovador e diferenciado. Então, reproduzir a perspectiva tradicional de educação ocorre com frequência nas escolas, visto que para muitos professores formadores o ensino do conteúdo ou de dada teoria se encerra em si. Numa proposta não tradicional, seja ela apoiada no construtivismo, na educação popular ou holista, o ensino do conteúdo não é o fim.

Alcântara (2010, p. 08) salienta que:

Além disso, a possível falta do conhecimento prático, do saber docente acerca do trabalho com a educação de 1º segmento, e de uma estrutura curricular que vincule o ensino de Geografia ao estágio docente cria mais uma dificuldade para o processo de formação dos futuros professores. O desafio, portanto, é estimular a formação de professores que pratiquem um ensino de Geografia crítico, que não reproduza as metodologias tradicionais, fragmentadas e conteudistas. E isso passa por um processo de desconstrução de esquemas mentais e práticas arraigadas nos indivíduos que refletem a estrutura da sociedade, que pode ser potencializado a partir de uma associação consistente entre teoria e prática do ensino de Geografia.

Dessa forma, podemos compreender que diante da inexperiência da prática e consequentemente do saber docente ocasionam algumas dificuldades na ação dos licenciandos, ou seja, dificuldades que são geradas pela falta de prática, do saber docente e de estrutura curricular que os apoiem. De fato, é primordial que os licenciandos levem para a sua prática e teoria novas metodologias e aulas inovadoras que motivem o despertar curioso por parte dos alunos.

Portanto, a teoria e prática são duas dimensões que se interagem em diferentes ações, ou seja, a prática compõe o momento em que os licenciandos vão para a sala de aula colocar o seu plano de aula em ação, e a teoria é a base teórica em que esses licenciandos aprendem na universidade e que a partir do estágio passam para os seus alunos, para que esses possam construir o conhecimento.

Evidentemente, que ambas as dimensões apresentam e possuem dificuldades na hora de sua concretização, pois existem algumas barreiras que os licenciandos tem que ultrapassar para atingirem grande eficácia em sua atuação docente, isso se torna presente quando se tem uma base teórica de baixo conhecimento e quando os licenciandos não apresentam o preciso domínio docente.

Contudo, tendo por objetivo o aperfeiçoamento da atuação docente, é preciso buscarem interação da teoria e prática obtendo os melhores caminhos a serem seguidos, sem esquecerem das peculiaridades em que ambas apresentam. De fato, não se tem teoria sem prática e nem prática sem teoria, as duas andam juntas e precisam uma da outra para existir.

Então, a teoria e prática possuem cada uma sua missão na docência e fica a critério dos licenciandos saberem a melhor forma de pensar em como desenvolvê-las no ambiente escolar, respeitando e observando os limites e os elementos que cada uma têm à nos complementar. Nesse sentido, essas dimensões desenvolvem grandes possibilidades de adequações, sendo possível obter cada vez mais a grande ligação que ambas possuem, dessa forma fica mais claro para os licenciandos distinguirem e compreenderem o que cada uma tem para oferecer.

Por fim, sabemos que a teoria e prática são elementos primordiais no processo ensino/aprendizagem dos futuros docentes onde ambas não se separam, porque uma está ligada à base teórica e a outra é a aplicação dessa teoria a partir do estágio supervisionado, assim a interação de ambas mesmo que no início difícil de conduzir, ajudam no desenvolvimento de capacidades e habilidades sobre a docência para esses licenciandos. Dessa forma, desenvolvem conhecimentos concretos que são vivenciados sob suas próprias experiências em sala de aula.

2.2 Estágio supervisionado na formação do licenciado em Geografia

Segundo Lisovski (2006), foi devido ao Parecer CFE 292/1962²², que se constituiu a disciplina de Prática de Ensino, sob a forma de ECPP (Estágio Curricular Pré-Profissional), a partir daí essa disciplina passou a ser obrigatória nos cursos de licenciatura no Brasil, onde começou a ser desenvolvida em estabelecimentos modelos como colégios de aplicação, juntamente com as faculdades que formavam futuros professores.

A prática de ensino, esta deve ser feita nas próprias escolas da comunidade, sob a forma de estágios, como os ‘internatos’ do curso de Medicina. Só assim poderão os futuros mestres realmente aplicar os conhecimentos adquiridos, dentro das possibilidades e limitações de uma escola real, e ter vivência do ato docente em seu tríplice aspecto de planejamento, de execução e de verificação (BRASIL, 1962, p. 98).

Segundo Dutra (2010), no ano de 1977, a promulgação da Lei 6.494²³, promoveu o início da sistematização das atividades referentes ao ECPP, concebendo-o como uma forma de interação entre a teoria e a prática.

§ 1º - O estágio somente poderá verificar-se em unidades que tenham condições de proporcionar experiência prática na linha de formação, devendo, o estudante, para esse fim, estar em condições de estagiar, segundo o disposto na regulamentação da presente Lei.

§ 2º - Os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano (BRASIL, 1977, p. 01).

O estágio supervisionado é tido como um componente curricular de muita valia para os licenciandos em formação inicial, é um momento em que vai ser estabelecida uma relação entre a universidade, a escola e o estagiário e nesse ciclo ocorrem trocas de experiências, aprendizagens, dificuldades tanto por parte dos professores supervisores como dos estagiários, ou seja, é o momento em que será posto em prática toda aquela base teórica adquirida na universidade e que poderá contribuir de forma positiva ou negativa mediante a docência para esse futuro professor, podendo o mesmo compreender de forma concreta a verdadeira realidade do magistério e de como é realmente o ambiente escolar.

²² Parecer 292, de 14 de novembro de 1962 – Fixa a parte pedagógica dos currículos mínimos relativos aos cursos de licenciatura.

²³ Lei 6.494, de 7 de dezembro de 1977 - Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º grau e supletivo e dá outras providências.

Kaercher e Tonini (2013, p. 253) afirmam que:

O estágio se configura em uma oportunidade para os licenciandos atuarem no ambiente escolar, refletindo sobre o mesmo. Desse modo, a pesquisa no estágio poderá constituir-se enquanto elemento fundamental na formação inicial docente, a qual deve permear concepções e práticas que levem à reflexão, a fim de promover os saberes da prática articulados com a teoria, e que possibilitem ao futuro docente uma análise integrada e sistemática de sua ação educativa.

Essa oportunidade contribui muito para que esses futuros docentes possam vivenciar naquele exato momento a profissão docente, interagindo com o lugar em que possivelmente irá ser o seu local de trabalho, ficando atento à tudo que norteia o espaço escolar e sendo de fundamental importância para a sua ação educativa.

Através da prática no estágio supervisionado são levantados alguns quesitos que ocorrem nesse percurso, onde os estagiários podem discutir sobre como é a teoria em relação à prática na escola, observar a contribuição e a importância do estágio na sua formação inicial e verificar quais as dificuldades em trabalhar com os conteúdos de Geografia. “O estágio curricular pode-se constituir no locus de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvida numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade” (BARREIRO, 2006, p. 20).

A prática no estágio possibilita aos estagiários terem um olhar reflexivo e crítico sobre muitas questões que norteiam a prática nas escolas, onde muitas são tidas como obstáculos e que por vezes comprometem a identidade dos futuros docentes, deixando a dúvida sobre sua futura profissão e até mesmo fazendo desistirem do magistério.

Esse processo de reflexão é voltado para o curso formador, para os docentes e para os próprios estagiários, assim a identidade que o curso tem por objetivo legitimar terá que ser explicitada nos paradigmas formativos e vivenciada na prática formativa.

Segundo as constatações de Pimenta, “o estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contrapartida à teoria” (PIMENTA, 2012, p. 33). Mesmo assim, muitos concludentes de graduação questionam que a teoria é uma coisa e a prática se aprende ao decorrer de sua profissão, mas no caso da formação de professores é necessário que haja junção da teoria e prática, pois essas teorias são apenas saberes disciplinares ofertados em cursos de formação e que podem estar desvinculadas da atuação docente dos futuros formandos.

Entretanto, o estágio como reflexão da teoria e prática (práxis), contribui para que os estagiários que ainda não lecionam possam aprender com aqueles professores que já exercem

o magistério há muito tempo e assim possam trocar experiências das atividades docentes. Mas, cada experiência tem resultados diferentes, umas podem dar certo e já outras não, configurando um adiantamento à simples experiência.

Ao irem para a prática no estágio, muitos estagiários tomam um grande susto diante das verdadeiras condições em que se encontram as escolas e também devido às contradições entre o que é posto na teoria e o que está sendo vivenciado na prática.

Pimenta (2012, p. 103) destaca que:

Em relatórios de estágio, a primeira revelação de muitos alunos é sobre o pânico, a desorientação e a impotência no convívio com o espaço escolar. No início às atividades e na chegada à escola, como registrou um dos estagiários, são constantes os problemas relacionados com a falta de organização, de recursos materiais, de integração entre escola e estagiários, além de indisciplina, violência e outros.

Muitos estagiários ao se depararem com os problemas (desorganização, falta de merenda e água, falta de recursos didáticos, indisciplina etc.) no ambiente escolar não sabem o que fazer, ficando apreensivos, com dúvidas e incertezas, mas notam que realmente existe um distanciamento entre a universidade e a escola. “A formação inicial perpassa pela relação teoria e prática, entretanto, tem sido alvo frequente de constatação em produções científicas e acadêmicas, segundo as quais esta relação não tem sido satisfatória e adequada na preparação docente” (KAERCHER e TONINI, 2013, p. 254).

Diante de algumas dificuldades desagradáveis vividas no estágio, foi que esses estagiários puderam compreender como é o cotidiano da escola, levando a uma intervenção sobre o ato de ensinar e refletirem sobre a ação que se desenvolve naquele espaço.

No ambiente escolar os estagiários se deparam com muitos professores que já atuam há muitos anos no magistério, onde esses já estão cansados pelo trabalho, pela vida e pela perda dos seus direitos que foram conquistados a um longo período de tempo e é comum os estagiários ouvirem de alguns deles que a vida de professor é chata, cansativa e desgastante.

Esses professores insatisfeitos podem contribuir de forma negativa para a formação da identidade dos estagiários (futuros professores), que nem mesmo construíram ainda a sua identidade profissional docente. “A identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe a legitimar” (PIMENTA, 2012, p. 62).

A identidade profissional vai se construindo a partir das aprendizagens e experiências no espaço de formação para que possa ser estruturada, pois a construção e o fortalecimento da

identidade e posteriormente a certeza em relação da carreira profissional docente são atribuídos às condições de trabalho, ao reconhecimento e valorização do professor perante a sociedade.

Então, a prática no estágio contribui com muita importância para os estagiários que estão com dúvidas e incertezas, sendo a partir da vivência no ambiente escolar que podem observar e analisar através de suas próprias experiências.

Sobre o estágio Pimenta (1997, p. 149) acentua:

Todos os alunos e professores entendem o estágio como uma atividade que traz os elementos da prática para serem objetos de reflexão, de discussão, e que propicia um conhecimento da realidade na qual irão atuar. Por isso, consideram-no importante, à exceção de um professor para quem “tanto o estágio quanto a oficina são artificiais – mesmo que aprimorados não são a realidade”.

Uma atividade que complementa a formação dos licenciandos em respectivas práticas que originam o verdadeiro sentido da profissão, tendo por eles próprios descobrirem e sentirem como é de fato a ação educativa docente no ensino/aprendizagem, sendo um estágio teórico e prático que possibilite a compreensão das práticas institucionais para se prepararem na inserção profissional.

A junção entre a teoria e prática se faz um processo definidor da qualidade de sua formação inicial e contribuindo na construção docente. “Esta profissionalização docente é constituída sob a conscientização de que o professor não é mero transmissor de conhecimentos e, por isto, deve estar constantemente adquirindo meios de manter sua teoria e prática atualizada” (KAERCHER e TONINI, 2013, p. 257).

No espaço de atuação do estágio ocorrem trocas de experiências tanto de quem ensina como também de quem aprende a prática docente, mas algumas aprendizagens da base teórica da universidade não estão contextualizadas com a verdadeira realidade no ambiente escolar e que prejudicam principalmente os futuros docentes de Geografia.

A Geografia é tida como uma disciplina chata, desinteressante e de plena reprodução e memorização por partes dos alunos, assim quando os estagiários chegam à escola é uma tarefa difícil ensinar os conteúdos, pelo fato de alguns alunos já não gostarem muito dela. Mas, é indiscutível que os futuros professores de Geografia façam com que essa disciplina se torne interessante e atrativa e isso vai depender das metodologias abordadas, dos recursos utilizados, da interação dos conteúdos com o cotidiano dos alunos e do prazer em ensinar.

Kaercher e Tonini (2013, p. 257) acrescentam que:

O saber acadêmico descontextualizado da realidade e das necessidades da escola deixa lacunas que comprometem a formação docente, na qual os futuros docentes de Geografia apresentam-se somente como responsáveis por transmitir conhecimento geográfico e, muitas vezes, chegam à escola como meros reprodutores de um saber alheio, sem a capacidade de manter uma análise crítica e sem a construção de um saber próprio embasado nas teorias.

Muitas dicotomias, ou seja, divisões opostas sobre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar, têm iniciação somente a partir da formação acadêmica e acabam perpetuando no cotidiano escolar, posteriormente contribuindo para à fraqueza pedagógica nos estágios supervisionados como também no cotidiano profissional e desenvolvem uma problemática complexa.

Os docentes devem interagir com o grupo de discussão e desenvolverem investigações sobre a Geografia, pois é necessário haver articulação entre a teoria e prática, assim permitindo que os futuros docentes tomem suas próprias decisões perante às atividades profissionais. “Aprendendo na ação e refletindo sobre ela, o licenciando estará se comprometendo com a sua qualificação docente no intuito de atender aos anseios de um significativo ensino de Geografia” (KAERCHER e TONINI, 2013, p. 258).

Dessa forma, é preciso compreender o estágio como uma atividade prática e também teórica, que é instrumentada pela práxis docente, sendo uma atividade que possibilita aos estagiários uma transformação da realidade.

A prática e a teoria estão articuladas ao ensino e ajudam a construir nos futuros docentes a concretização de competências e habilidades fundamentais à docência, sendo contextualizada e tendo relação no momento em que se ensina ou aprende. “Esta articulação saber-fazer é fundamental na ação docente, pois permite que o docente de Geografia tenha o domínio do conhecimento específico de sua área e do conhecimento pedagógico no intuito de atuar como agente de transformação no seu ambiente de trabalho – a escola” (KAERCHER e TONINI, 2013, p. 258).

A partir disso, o estágio faz com que os licenciandos desenvolvam na escola uma visão crítica sobre a educação, compreendendo, investigando e questionando em qual contexto social os indivíduos que frequentam a escola se encontram. Assim pode-se ter a compreensão de estágio não só como um componente curricular ou como um mero compromisso burocrático a ser cumprido, mas sim como um local que vai ajudar no desenvolvimento da práxis docente.

A práxis docente faz com que haja um desenvolvimento da atividade investigativa, envolvendo reflexão acerca da vida dos alunos, do ambiente escolar e da sociedade. É um

momento de troca de conhecimentos, de experiências e de aprendizagens tanto pelos estagiários como pela escola, pois os estagiários levam conhecimentos e metodologias mais atualizadas e também apresentam mais disposição e motivação para tentar colocá-las em prática. Entretanto, os estagiários enfrentam algumas dificuldades quando tentam inovar no ambiente escolar, tanto pelo tradicionalismo da escola como pelo sistema.

Gatti (1997, p. 41) defende que:

Ensinar é uma prática complexa, ainda mais nas condições de desigualdade social que o profissional enfrenta face a seus alunos e das diferentes condições de escolarização com que tem de lidar no sistema em que se encontra, se mantém como influenciador do meio escolar.

Para que os licenciandos em Geografia consigam realizar suas atividades com mais eficácia é preciso que os mesmos interajam com a vida dos alunos, tentando entender a vida cotidiana de cada aluno e fazer com que consigam motivar o interesse pela disciplina.

Não se deve só saber o conteúdo, mas é fundamental saber ensinar e construir o conhecimento sempre procurando questões cotidianas em que esses alunos estão inseridos. De fato, vai tornar a aula mais atrativa e que estimule discussões acerca do assunto, onde os alunos conhecem bem a sua verdadeira realidade cotidiana.

Portanto, o estágio contribui para que os licenciandos em Geografia conheçam o verdadeiro sentido de ser professor, ajudando a observarem os professores que lá estavam há muitos anos, contudo existe ainda muitas controvérsias se é de fato no estágio que se aprende a dar aula, a ser mesmo um bom professor.

No momento da prática no estágio os licenciandos aprendem o básico e expõem pouco, tanto por falta de recursos didáticos, pela indisciplina dos alunos e pelo sistema aderido no ambiente escolar. Assim, dificulta o processo de ensino/aprendizagem que os mesmos têm a desenvolverem com os alunos.

Sendo uma prática muito importante e que contribui para o desenvolvimento da práxis docente, mas que ainda apresenta deficiência em sua realização por alguns problemas existentes no núcleo escolar e que por muitas vezes motiva ou desmotiva os licenciandos sobre a verdadeira realidade de lecionar, mas que é essencial e fundamental não só para o currículo acadêmico como também para observar, analisar e refletir sobre como se podem resolver alguns desses problemas, pois o ensino de Geografia deve ser construído de forma que leve ao aluno um olhar crítico e analítico do cotidiano em que está inserido.

Muitas vezes os licenciandos tentam inovar e trazer uma metodologia transformadora como a aprendida na universidade, mas quando vão para a sala de aula se deparam com alguns empecilhos (falta de recursos didáticos, impedimento do sistema e falta de aceitação dos professores supervisores), que viavelmente podem atrapalhar essa introdução de métodos inovadores no momento do estágio.

Os licenciandos devem driblar os empecilhos existentes e ultrapassarem todas as barreiras que os atrapalham, evidentemente que isso não é uma tarefa fácil, e sim um grande motivo para vencerem as dificuldades que se encontram. Pois, na carreira docente são vários os problemas encontrados e para um licenciando que quer inovar e construir o conhecimento sob às novas metodologias é primordial ser pesquisador, observador e buscar um espaço que traga satisfação e vitórias na docência.

O estágio possibilita que os licenciandos consigam adentrar em várias questões que envolvem o núcleo escolar, dessa forma os licenciandos dispõem de informações, aprendizagens, conhecimentos que despertam a visão crítica e analítica sobre o ambiente escolar.

Enfim, o estágio é uma porta que se abre para os licenciandos conhecerem o espaço escolar em todos os ângulos e também é um componente curricular de suma importância que possibilita uma interação concreta da vida profissional docente.

3 CAPÍTULO

3.1 As contribuições e implicações do estágio supervisionado na formação docente do discente

O estágio supervisionado é um componente curricular que se tornou obrigatório nos cursos de licenciatura, entre outros cursos. Esse é um momento único em que o licenciando tem uma ligação com a sala de aula, com os alunos, com os professores e com todo o núcleo escolar. É nesse momento que o licenciando observa, analisa e adentra sobre como é de fato a docência. A partir dessa experiência compreendemos quais são as dificuldades e sucessos que o estágio supervisionado acaba deixando na memória dos estagiários, ou seja, pontos positivos e negativos, uns a serem mudados e outros a serem aperfeiçoados.

O estágio supervisionado é um dos momentos mais esperado pelos licenciandos em formação inicial, a ansiedade é grande para chegar logo a estagiarem. Quando estamos na universidade nos preparando para a prática na escola, logo vem o pensamento de como será a vivência no estágio supervisionado, se vamos conseguir elaborar um bom plano de aula, se seremos capazes de construir o conhecimento, se os alunos irão gostar de nossa metodologia e se vamos sair com uma boa experiência sobre o espaço escolar.

Milanesi (2012, p. 210) enfatiza:

O estágio é um período muito importante na formação inicial dos professores e esperado pelos estudantes dos cursos de licenciatura com muita expectativa. Para muitos estudantes, o único contato que tiveram até então com a sala de aula foi na condição de alunos, mas agora os papéis se invertem, tendo que assumir a função de professor, por isso esses estudantes carregam consigo muita ansiedade.

Nesse sentido, o estágio para muitos licenciandos é o primeiro contato com a docência, visto que alguns já lecionam e para aqueles que ainda não lecionam esse período torna-se uma nova descoberta e assim possivelmente um novo olhar sobre a profissão docente. Por isso a ansiedade e a insegurança podem aparecer sem saber o que encontrarão no caminho.

A iniciação no estágio supervisionado constrói uma relação de verdadeiro sentimento pela docência, dado que a partir do mesmo os licenciandos começam a desenvolver uma visão sobre a carreira profissional docente de qualidade, ao compreenderem sobre a relação entre professor/escola/aluno. Pois, é a partir desse momento que o licenciando irá construir a sua identidade docente que seja interativa e dinâmica.

Santos (2012, p. 12) salienta que:

O estágio supervisionado representa na contemporaneidade um momento ímpar na formação do docente de Geografia, sendo configurado enquanto preparação profissional de humanização e qualificação ao fim que se destina, possibilitando ao estagiário vivenciar, refletir acerca do ambiente escolar. Tais considerações justificam a necessidade de um estudo que aborde o estágio de modo a investigar como este vem sendo efetivado e suas implicações na formação inicial.

Diante da prática no estágio, os licenciandos compreendem quais são as contribuições e implicações que influenciam suas aprendizagens, pois o contato com a escola contribui para que os mesmos reflitam sobre a sua formação docente e quais são os caminhos que devem percorrer para alcançar uma profissão de qualidade, assim foi necessário investigarmos sobre a relação do estágio supervisionado com o licenciando. Por meio de proposições e relatos de experiências, procuramos refletir a respeito de como “o estágio se constitui em espaço de aprendizagens e de saberes, ao tomarmos as atividades “tradicionais” de observação, participação e regência, redimensionadas numa perspectiva reflexiva e investigativa” (BARREIRO, 2006, p. 87).

Destaco no quadro 01, alguns relatos das entrevistas feitas com licenciandos do curso de Geografia, que se referem às contribuições e implicações em que os mesmos tiveram através do estágio supervisionado. Para manter sigilo, será omitido o nome dos licenciandos, apenas aluno 1, aluno 2 etc.; onde para não ocorrer repetição das respostas, as que eram parecidas não serão transcritas.

<ul style="list-style-type: none"> • “Estava ansioso para começar a estagiar, mas quando o comecei não foi como eu tinha pensado. O estágio contribui muito para a minha formação inicial, vi de perto como é ser professor. Aprendi a dar mais valor para essa profissão, porque não é nada fácil ir para uma sala de aula. Tive dificuldades em dar uma aula inovadora com introdução de imagens e vídeos, por falta de recursos didáticos na escola, quase não consegui usar o data show por falta de um cabo e no outro dia foi porque não tinha feito reserva, fiquei indignado com isso, mas dei a aula mesmo assim. A partir desse fato, aprendi como é que funcionam as coisas no ambiente escolar. O estágio me proporcionou uma visão reflexiva sobre profissão docente” (ALUNO 01).
<ul style="list-style-type: none"> • “A partir do estágio tive o meu primeiro contato numa sala de aula, onde fui à professora e tinha que construir conhecimento no processo ensino aprendizagem. Dessa forma, busquei fazer um plano de aula que motivasse o interesse dos alunados, levei aulas expositivas dialogadas. Percebi o interesse dos alunos pelas aulas. Assim, contribuiu com uma formação inicial bem sucedida, pois não tive dificuldades de início, por não ter experiência na docência, mas pude ter certeza do que eu quero pra minha vida. Serei uma excelente professora de Geografia e jamais vou desanimar diante das dificuldades” (ALUNO 02).
<ul style="list-style-type: none"> • “Tive algumas dificuldades ao estagiar, não queria me prender no livro didático e a professora supervisora disse que eu teria que continuar o conteúdo que ela estava passando. Então, busquei inovar as aulas levando imagens, vídeos e abrindo uma roda de discussão ao término de cada aula, assim consegui mais interesse dos alunos (de alguns) e me identifiquei mais com o conteúdo e a sala de aula. Percebi que a culpa da educação estar com está, não é só dos alunos ou dos professores, mas é do sistema. Pois, o que o sistema manda os professores tem que fazer e dessa maneira as aulas são prejudicadas. Alguns alunos disseram que as aulas eram chatas e de maneira tradicional, mas quando eu cheguei tudo mudou para eles. Consegui realizar o meu estágio com pontos positivos e negativos, que contribuíram para a minha iniciação docente, para analisar, refletir e sentir o que é ser professor e qual a sua verdadeira responsabilidade” (ALUNO 03).

<ul style="list-style-type: none"> • “Realizei o meu estágio em uma rede pública e já tinha em mentes o que viria pela frente, pois eu estudei nessa escola e sabia como era a administração da mesma. Como focado na Universidade, busquei introduzir os conteúdos de Geografia com a realidade vivida pelos alunos. Levei-os a uma aula do meio e tive dificuldades em controlar os alunos, eram danados e não prestaram muito atenção no que eu dizia. Não consegui ter muita autoridade como professor e busquei uma aproximação com os alunos para conseguir respeito, consegui de alguns. Vi de perto o que realmente é ser professor, não fiquei tão satisfeito, mas a partir do estágio consegui desenvolver a minha identidade docente e saber se é realmente isso que eu quero para o meu futuro” (ALUNO 04).
<ul style="list-style-type: none"> • “A contribuição do estágio em minha formação foi de poder fazer parte da realidade do ambiente escolar, adentrar no núcleo escolar foi de suma importância na minha formação, pois já fazia muitos anos que não tinha voltado numa escola de ensino fundamental e médio. Comecei a ter mais responsabilidade e pensar nos alunos como chave principal da educação. Aprendi que é necessário ter domínio na sala de aula para conseguir atenção dos alunos, planejar muito a aula e saber dar aula. Mas essa última, a gente só aprende praticando e o estágio não tem uma completa contribuição. As dificuldades são múltiplas e às vezes é desestimulante, mas a essência na docência é de não se deter diante dos problemas” (ALUNO 05).

Quadro 01: avaliação da inserção do licenciando na escola.

Fonte: dados obtidos pela pesquisa (2014).

De acordo com os discursos dos licenciandos, podemos verificar três aspectos, o primeiro diz respeito ao contato com o ambiente escolar, os segundo às dificuldades encontradas a partir da falta de recursos didáticos na busca por uma metodologia inovadora (do desinteresse dos alunos e da falta de organização da escola), e o terceiro aspecto é a contribuição que o estágio possibilitou para os licenciandos como: saber o sentido da profissão docente, conseguir driblar as dificuldades e construir a identidade docente.

Podemos perceber que nos discursos dos licenciandos as falas são parcialmente as mesmas, eles tiveram contribuições e dificuldades bem parecidas, onde é realmente o que ocorre no núcleo escolar, assim uns se desenvolveram mais com essa prática e outros se desmotivaram, entretanto não desistiram. Esse é o impacto causado quando os licenciandos realizam o estágio, principalmente para aqueles que tiveram dificuldades em se expressarem e conduzirem a sala de aula.

A nossa fundamentação se deu de forma completa em que envolveu todos os discursos dos entrevistados de maneira geral, visto que os dados obtidos são respectivamente semelhantes.

Nos relatos do quadro acima, podemos constatar de início uma das contribuições do estágio na formação docente dos licenciandos, eles discorrem que a partir do estágio puderam conhecer de perto a profissão docente, compreendendo os problemas vividos no dia-a-dia dos professores, e refletindo sobre a prática futura deles. “Compreendo que essa reflexão possibilitará aos futuros docentes de Geografia desenvolver sua práxis na medida em que estes pensamentos possam estabelecer um vínculo entre o pensar a profissão e o agir de modo responsável” (SANTOS, 2013, p. 265).

Nesse sentido, podemos verificar que o espaço escolar equivale a um ambiente de muito enriquecimento para a formação inicial docente, já que é nesse momento que o licenciando dispõe de observar, analisar e refletir sobre tudo o que engloba este espaço. Como dito pelos entrevistados, eles adentraram na vivência concreta dos educadores e alunos.

Pimenta e Lima (2010, p. 42) acrescentam:

A aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estagiários burocratizados, carregados de fichas de observação, é míope, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.

O envolvimento existe quando os licenciandos se preocupam em construir o conhecimento, diante de criticidade construtiva para a formação docente, pois isso não é somente uma fase na formação inicial, mas sim um comprometimento visando a busca por uma docência que se aproxime de resultados construtivos e positivos.

Outro aspecto salientado nos relatos foi sobre as dificuldades de levar metodologias inovadoras, práticas pedagógicas transformadoras que visam à construção do conhecimento pelos alunos de forma atrativa, que os motive a terem interesse pelas aulas e que saía dos padrões do tradicionalismo.

Todavia, os entrevistados (ALUNO 01, ALUNO 03 e ALUNO 04), buscaram inovar, assim como foram induzidos pela base teórica adquirida na universidade, um teve dificuldades ao levar uma aula expositiva dialogada por falta de recursos didáticos (data show); outro tentou tecer sua própria metodologia, tentando deixar de lado o livro didático e inovar com imagens e vídeos sobre o assunto escolhido; e o último tentou inovar levando os alunos para um estudo do meio, em busca de introduzir no conteúdo o cotidiano dos alunos. Compreendemos, que os mesmos tiveram a preocupação em construir uma educação que motive os alunos a se interessarem pelos conteúdos geográficos, onde percebemos que os mesmos buscaram novos caminhos metodológicos.

Cada um dos licenciandos tiveram dificuldades em colocar na prática as metodologias planejadas, sendo prejudicados por três motivos sendo: a falta de material didático na escola, a falta de aceitação de conteúdos programados pela professora supervisora e a falta de atenção dos alunos em um estudo do meio. Esses três pontos, contribuíram de forma negativa para os licenciandos, dado que tiveram dificuldades em trabalhar com suas próprias maneiras metodológicas, pois tentaram se desprender um pouco do livro didático, com o intuito que a construção do conhecimento pudesse alcançar novos horizontes.

Nesse contexto, os licenciandos se preocuparam em não se prenderem ao livro didático tentando introduzir uma nova maneira de construir o conhecimento, porque o livro didático é importante, porém o educador pode diversificar às vezes e sair da rotina no ensino deixando um pouco de lado o livro didático que é constantemente usado de maneira tradicional, ou seja, a reprodução do que está escrito nele, assim o aluno não desenvolve o seu senso crítico, diante do contido no livro estará submisso apenas ao conceito que assim se apresenta.

Silva e Leite (2013, p. 09) afirmam que:

Outro aspecto que nos preocupa bastante é que a maioria dos professores sempre ministram suas aulas se prendendo, unicamente, ao livro didático, tornando a aula cansativa e enfadonha, pois o alunado de hoje já se encontra cansado do método tradicional de ensino, pautado na transmissão de conhecimentos por parte dos professores aos alunos, sendo que estes, muitas das vezes são estimulados a decorar significados presentes nos livros didáticos.

Diante disto, compreendemos que os licenciandos buscaram desenvolver um processo de ensino/aprendizagem de qualidade no ambiente escolar, pois eles diversificaram o ensino com a introdução de práticas pedagógicas contemporâneas aprendidas na universidade. Visto que para chegar a um ensino de satisfação e qualidade, é necessário que o professor em formação inicial reflita sobre suas práticas pedagógicas, introduzindo novos recursos que incentivem os alunos à aprendizagem. “A reflexividade crítica sobre as práticas e as experiências cotidianas da escola adicionada à atividade da pesquisa viabilizam a reformulação da identidade do professor, como profissional e como indivíduo” (Ghedin, 2008, p. 78).

Por fim, os licenciandos afirmam que apesar das dificuldades encontradas no estágio supervisionado, a realidade que essas experiências deixaram para eles foram bem gratificantes, porque os ajudou a conhecerem o verdadeiro sentido da profissão docente e assim puderam construir suas identidades. Dado que, tiveram aproximação com o futuro local de trabalho, assim desenvolveram laços de companheirismo com o espaço escolar, superando os receios encontrados.

Santos (2012, p. 76) sobre a identidade docente:

A identidade docente é instituída pela dinâmica de saberes e fazeres mediante um processo em que coexistem aspectos contínuos: administrativos, técnicos, vivenciais, científicos, didáticos, etc., relacionados à construção da prática docente. Esta construção concebe uma valoração do sujeito docente enquanto profissional que dá significado ao processo de ensino e aprendizagem.

Esta identidade docente é prejudicada muitas vezes pela visão que a sociedade tem da escola pública, pois questionam que é escola de má qualidade, que lá estudam alunos que não se interessam pelas aulas, que só vão bagunçar e que os docentes são profissionais que não ligam para o ensino/aprendizagem.

Podemos constatar no relato do ALUNO 04, em que o mesmo disse que já avistava o que vinha pela frente, porque ele realizou o estágio em uma escola pública, o mesmo teve dificuldades com alunos danados, entretanto ficou satisfeito em conseguir a atenção de boa parte dos alunos, e enfoca que o estágio foi satisfatório e que pode desenvolver sua identidade docente. “O estágio é o locus onde a identidade profissional é gerada, construída, e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade” (BURIOLLA, 1999, p. 10).

Portanto, podemos compreender que existem fatores negativos e positivos a partir da vivência no estágio supervisionado, mas que para os licenciandos esses obstáculos trouxeram contribuições na formação docente, já que puderam compreender quais são os principais problemas que assolam o espaço escolar, as dificuldades enfrentadas por alunos e professores.

Diante da interação nesse espaço, conseguiram fortalecer suas visões críticas, analíticas e reflexivas sobre a profissão docente, contribuindo grandemente para desenvolverem habilidades que não tinham ainda, também aprenderam como não desanimar diante das dificuldades e desenvolveram metodologias inovadoras como às aprendidas na universidade.

Esse é o verdadeiro sentido da docência, os licenciandos não desistiram de construir o conhecimento por causa das dificuldades tanto com alunos “bagunceiros”, como por falta de recursos didáticos, entre outros. Foram até o fim e saíram com certa experiência através do estágio. Pois, conseguiram compreender que a profissão docente requer mais atenção no processo ensino/aprendizagem e como transformadores buscaram essa interação.

3.2 A teoria e a prática no momento do estágio: alguns relatos

A formação inicial docente a um longo tempo passa por inserções entre teoria e prática, onde gera dificuldades e impactos de susto entre os licenciandos. Essa discussão é alvo debatido com frequência em artigos acadêmicos e científicos, já que essa relação entre teoria e prática não está sendo satisfatória na formação inicial docente. “A ideia que a teoria tem a ver com o conhecimento científico, que supera as manifestações da prática. A ideia

predominante é que a teoria é a dimensão própria da ciência e da formação superior e a prática, a dimensão das escolas” (CAVALCANTI, 2008, p. 860).

De acordo com Cavalcanti (2008) a concepção epistemológica da racionalidade técnica é apenas um servidor de auxílio entre a compreensão da realidade e de outro lado à prática é a sua aplicação. “Esta visão compreende uma concepção alheia aos ditames da formação docente na atualidade, mas que, infelizmente, ainda se encontra presente [...]” (SANTOS, 2012, p. 37).

Nessa perspectiva, a universidade se diz o lugar que se adquire o embasamento teórico e a escola é o lugar em que de fato os licenciandos aplicam esses conhecimentos, ou seja, é o período em que os licenciandos vivem a realidade da profissão docente, aprofundando no núcleo escolar de forma que consigam observar e analisar tudo que está envolvido nesse ambiente.

No quadro 02 estão alguns relatos de licenciandos do curso de Geografia, onde os mesmos relatam sobre como foi a teoria e a prática no momento em que estavam estagiando, para manter sigilo dos entrevistados cito-os como: (ALUNO 01, ALUNO 02 etc.).

<ul style="list-style-type: none"> • “Foi de grande importância iniciar o estágio. Saí da sala de aula da universidade e fui colocar em prática os conhecimentos aprendidos, assim pude sair da teoria e ingressar na parte prática. Viver a realidade no ambiente escolar. Entretanto, senti como é a realidade e tive a compreensão de que na prática a teoria é outra, não é a mesma que conhecemos na universidade. O estagiário tem dificuldades de colocar em prática a teoria e fica difícil desenvolver habilidades em pouco tempo, mas a partir do mesmo que eu compreendi o cotidiano do aluno/professor” (ALUNO 01).
<ul style="list-style-type: none"> • “Senti um forte impacto quando fui colocar em prática os meus conhecimentos, percebi que a teoria não é realmente como se enfatiza na universidade. Compreendi que a universidade é o local do conhecimento teórico e a escola é o local de colocar essa teoria em prática. Depois da prática, pude perceber que a universidade não prepara tanto os licenciandos para essa dura realidade. Na universidade construí uma visão crítica e reflexiva, que me orientou a buscar novos caminhos e ensinar de forma inovadora, mas quando fui colocar essa visão em prática, a realidade foi outra. A dificuldade em ensinar, em colocar o plano em prática, em transformar a aula com recursos didáticos que estavam em falta, tudo isso contribuiu de forma negativa na minha prática. Então, não é no estágio que se aprende a ser professor e sim durante anos de prática. Para motivar os alunos e ter eficácia na aprendizagem, envolvi a realidade vivida por eles aos conteúdos geográficos” (ALUNO 02).
<ul style="list-style-type: none"> • “Com a base teórica adquirida na universidade eu consegui realizar o meu estágio com eficácia, isso em partes, segui como o aprendido na universidade, mas não posso negar que no ambiente escolar a realidade é outra. Sinceramente, vejo que a prática se aprende com o tempo e o estágio é realizado em um curto período de tempo, isso dificultou a minha atuação, pois não deu tempo de conhecer o cotidiano dos alunos. Fui um estagiário inovador, com ideias e perspectivas a transformar a sala de aula. Foi difícil motivar alguns alunos a se interessarem pelo conteúdo, mas o problema estava na falta de interesse dos mesmos, a outra parte da turma conseguiu assimilar os conteúdos, pois busquei introduzir o cotidiano dos alunos com os conteúdos. Fui feliz, mas na hora do estágio a teoria muda de figura e acho que a partir da interação no ambiente escolar e com anos de prática terei desempenho maior” (ALUNO 03).
<ul style="list-style-type: none"> • “Realmente, existe sim um espaço separando a teoria e a prática, onde essas duas dimensões são inseparáveis. Precisava de um conhecimento teórico e obtive na universidade, este foi realizado através da prática no estágio. Por eu não ter experiência na docência tive dificuldades com o plano de aula, em controlar os alunos, mas eu tinha a base teórica o que eu não tinha era a prática.

De fato, ir colocar em prática o que eu aprendi na universidade, as metodologias inovadoras, as maneiras de construir o conhecimento, como ser um professor entre outras, são tarefas essenciais na formação inicial. Acho que a experiência é um dos principais pontos que faz diferença numa sala de aula, e isso eu não tinha. Mas, o estágio me fez analisar como é que eu posso mudar e aplicar toda a base teórica que eu tenho” (ALUNO 04).

Quadro 02: A teoria e a prática no estágio.

Fonte: dados obtidos pela pesquisa (2014).

Diante de relatos dos licenciandos, podemos verificar quais foram os aspectos que os mesmos mais enfatizam. Para não se repetir focaremos a nossa atenção especialmente para essa exaltação da teoria aprendida na universidade e da prática desenvolvida no estágio supervisionado, esse é o aspecto principal discorrido pelos entrevistados.

Os licenciandos dizem que na teoria à prática é outra, isto é, ao tentarem colocar o teórico em prática não conseguiram muita eficácia em suas atividades docentes, mesmo quando o estágio ocorreu bem, por outro lado eles enfocaram as dificuldades em atuar na sala de aula. Questionaram que o período do estágio é curto e não tem como conhecer o cotidiano dos alunos, pois para construir o conhecimento geográfico é fundamental que o professor comece a desenvolver sua aula com base no cotidiano em que os alunos vivem. “É neste momento que eles percebem mais claramente a diferença entre aquilo que a academia lhes proporcionou em termos de fundamentação teórica e a prática que ele passa a vivenciar como docente” (GONÇALVES, 1998, p. 115-116).

Diante de relatos dos (ALUNOS 01, 02, 03 e 04), podemos verificar que eles dizem que tiveram dificuldades na inserção de teoria e prática, e julgam que a universidade não prepara completamente os licenciandos para atuarem na sala de aula, contudo o estágio contribuiu para a formação inicial, porque de certa forma dispõem de uma base teórica, mas que essa não é totalmente eficaz quando posta em prática. “O estágio deve se constituir em um momento de preparação para a docência, propiciando a união da teoria com a prática, na qual deve haver um esforço conjunto de todos os sujeitos envolvidos nesse processo no intuito de promover uma formação crítica do professor” (SANTOS, 2012, p. 61).

Apontam também que apesar das dificuldades entre teoria e prática o estágio contribuiu muito para a sua formação inicial, dado que conseguiram desenvolver uma visão crítica acerca do ambiente escolar, tendo contato com a realidade vivida pelo professor/aluno e a vontade de buscarem novos caminhos para o ensino, no entanto apontam a carência em recursos didáticos. O estágio mesmo com os problemas é um componente curricular de grande importância, onde ajuda os licenciandos a atuarem verdadeiramente no ambiente escolar.

Sobre a prática de ensino Silva e Leite (2013, p. 02) demonstram que:

A prática de ensino através dos estágios supervisionados deve ser entendida como elemento de fundamental importância no processo de formação profissional docente, pois permite a articulação do estagiário com o espaço escolar e com a sala de aula, levando a construção de múltiplas relações neste espaço de trabalho, relações essas que levam a construção de competências para a atividade docente em Geografia.

Podemos verificar que os licenciandos conseguiram desenvolver habilidades mesmo diante das dificuldades, visto que tiveram um envolvimento com as questões que norteiam a escola e puderam ter o contato concreto com a verdadeira realidade. Construindo os seus próprios modos de atuação docente, independente dos empecilhos que se lançaram no caminho. “O estágio tem o papel de possibilitar aos estudantes universitários, a vivência no cotidiano escolar, construindo novas informações e habilidades técnicas, assim como novos conhecimentos metodológicos necessários para o desenvolvimento da profissão docente” (SILVA e LEITE, 2013, p. 02).

A vivência na escola constrói peculiaridades diferentes em cada licenciando, pois uns desmotivam logo no início e outros aprendem a serem mais fortes, a se motivarem diante das dificuldades. Mesmo na prática, com o pensamento entre várias ideias que mudam constantemente verificam como é de fato a profissão docente, já que esses licenciandos vão em busca de novas técnicas e metodologias que estimulem a atenção dos alunos.

Mercado (1998, p. 03) acentua que:

Os professores são profissionais que tem uma função re(criadora) sistemática, sendo esta a única forma de proceder quando se tem alunos e contextos de ensino com características tão diversificadas, como sucede em todos os níveis de ensino. A função do professor é a criação e recriação sistemática, que tem em conta o contexto em que se desenvolve a sua atividade e a população-alvo desta atividade.

A ação do professor em formação inicial tem que estar envolvida com o contexto em que se inserem os alunos, levando o ensino de encontro com as questões que os mesmos já conhecem e trazem certa bagagem dentre construções de conceitos, assim o ensino fica mais fácil de ser construído e assimilado.

Nessa perspectiva, os licenciandos discorrem muito sobre novas metodologias, que são enfocadas com frequência na universidade, contudo quando aplicadas no estágio ainda apresentam dificuldades. Na universidade os licenciandos em formação inicial são motivados a desenvolverem em suas práticas novas metodologias, nas quais fujam dos padrões tradicionais e que busquem a atração e interesse por parte dos alunos. Pois, de fato os mesmos estão buscando inovar e inserir o cotidiano dos alunos nas discussões de sala.

Sobre esse contexto Mercado (1998, p. 05) revela que:

O professor, na nova sociedade, revê de modo crítico seu papel de parceiro, interlocutor, orientador do educando na busca de suas aprendizagens. Ele e o aprendiz estudam, pesquisam, debatem, discutem, constroem e chegam a produzir conhecimento, desenvolver habilidades e atitudes. O espaço aula se torna um ambiente de aprendizagem, com trabalho coletivo a ser criado, trabalhando com os novos recursos que a tecnologia oferece, na organização, flexibilização dos conteúdos, na interação aluno-aluno e aluno professor e na redefinição de seus objetivos.

Diante disto o licenciando é um eterno pesquisador, que tem por objetivo a construção do conhecimento que seja satisfatório tanto para o aluno quanto para o professor, que se faça uma nova ferramenta no ensino/aprendizagem buscando inovações e transformações. O espaço escolar tem a oportunidade de usufruir novos caminhos na educação, estabelecendo uma visão crítica dos problemas que existem no ambiente escolar.

Como dito antes, os licenciandos falam sobre inserir no conteúdo a realidade vivida pelos alunos, já que essa interação entre o cotidiano dos alunos com os conteúdos a serem trabalhados em sala facilita no processo de aprendizagem e assimilação dos conteúdos. Dessa forma, é possível conhecer um pouco sobre o desenvolvimento de cada aluno, assim possibilita-se a adequação do sistema de ensino diante das dificuldades dos alunos, ou seja, a avaliação formativa.

Sobre isso Silva e Leite (2013, p. 08) salientam:

Para que os objetivos da avaliação sejam atingidos é preciso que as questões sejam contextualizadas dentro do cotidiano vivenciado pelo aluno, relacionando com os elementos presentes no seu meio. Assim, a avaliação "formativa" constitui-se como uma das mais importantes no processo de ensino, pois possibilita uma melhor aprendizagem dos alunos, proporcionando o desenvolvimento cognitivo e psicológico dos mesmos. Além de permitir um conhecimento do diagnóstico dos estudantes, para com isto, adaptar o sistema de ensino na busca de uma aprendizagem mais satisfatória.

Então, os licenciandos buscaram levar questões que envolvem o espaço em que os alunos estão inseridos, ou seja, sua realidade cotidiana, para que dessa forma a prática no estágio pudesse alcançar mais eficácia no processo de ensino/aprendizagem, tendo por resultado um desempenho satisfatório na sua aplicação e através dessa metodologia revivesse a Geografia que existe dentro de cada aluno.

Dessa maneira, buscaram interagir com os alunos sobre a realidade em que habitam, já que os mesmos tiveram dificuldades no envolvimento causado pela teoria e prática, onde esses licenciandos no início sentiram medo, angústias e receios sobre a docência, pelo fato de no contato com a sala de aula, haver contradições entre a base teórica e a prática, sendo percebida a partir da realização do estágio.

Pimenta (2008, p. 103) revela que:

Um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece. Em relatórios de estágios, a primeira revelação de muitos alunos é sobre o pânico, a desorientação e a impotência no convívio com o espaço escolar.

Sim, essa é a sensação dos estagiários no início, pois sentem medo, ficam sem saber o que fazer diante dos alunos, acham que não irão conseguir ir em frente, mas quando começam a interagir com os alunos, percebem que são capazes de desenvolverem seus objetivos. Pois, quando constituíram o verdadeiro sentido da docência, eles começaram a desenvolver competências e habilidades que os fizeram lutar por uma educação digna e de qualidade, visto que os mesmos relatam terem base teórica, porém que essa base teórica não é completa e isso irá ser possível a partir de anos de experiência.

O entrevistado (ALUNO 04) expressa:

Por eu não ter experiência na docência tive dificuldades com o plano de aula, em controlar os alunos, mas eu tinha a base teórica o que eu não tinha era a prática. De fato, ir colocar em prática o que eu aprendi na universidade, as metodologias inovadoras, as maneiras de construir o conhecimento, como ser um professor entre outras, são tarefas essenciais na formação inicial (ALUNO 04, FONTE: OBTIDO PELA PESQUISA).

Nesse sentido, compreendemos que o licenciando constrói uma grande bagagem de conhecimentos teóricos na universidade e a partir do estágio supervisionado é que esses conhecimentos são posto em prática, sendo nessa hora que é percebido quais são as dificuldades que o professor enfrenta no seu dia-a-dia, e que tudo o que é aprendido na prática do estágio o mesmo leva para a sua atuação futura na docência, percebendo os erros a serem corrigidos e mantendo o seu interesse pela mudança no ensino de Geografia.

Dessa forma, os licenciandos desenvolveram suas capacidades críticas e reflexivas, já que a partir do estágio supervisionado conseguiram compreender o envolvimento existente entre as dificuldades que norteiam o ambiente escolar, a relação aluno/professor e como anda o ensino de Geografia na contemporaneidade das escolas.

A Geografia é uma ciência muito importante para a educação, entretanto não está sendo bem empregada na construção do conhecimento e que se torna por vezes uma disciplina que não tem muito a oferecer.

Como enfatizado no capítulo I, a Geografia é questionada por muitas pessoas como uma disciplina de memorização, sendo chata e desinteressante, no entanto isso não é verdade.

Para converter essa crítica o licenciando busca inovar suas metodologias, fugir completamente dos padrões tradicionais. Isso foi relatado pelos entrevistados, inovar é sempre o melhor caminho para atingir eficácia no que se pretende alcançar.

Filho e Gonçalves (2014, p. 02) acrescentam:

Dentro dessa perspectiva de leitura da realidade à nossa volta e, visando romper com a ideia de um ensino de Geografia conteudista, pautado na memorização e em aulas repetidas e enfadonhas, que em nada acrescentam à vida cotidiana do educando, o professor de Geografia deve buscar novas formas de construção do conhecimento que visem desenvolver nos seus alunos a capacidade de compreensão do mundo e de pensamento crítico sobre os mais diversos acontecimentos.

A partir dos conhecimentos sobre técnicas e métodos adquiridos na universidade, os professores em formação inicial desenvolveram um ensino que pudesse romper com o tradicionalismo existente em metodologias de professores antigos, pois ainda existem professores que não procuram inovações no ensino e ou são submetidos a seguirem o sistema escolar. Já entre os licenciandos a base teórica é constituída sob um ensino inovador, transformador e reflexivo. “A reflexividade é uma autoanálise sobre nossas próprias ações que pode ser feita consigo mesmo ou com os outros” (LIBÂNEO, 2002, p. 55).

Os estagiários uns com êxito e outros nem tanto, tentaram colocar esses ensinamentos em suas práticas de ensino, desenvolvendo planos de aula diferenciados dos métodos tradicionais no intuito de despertarem um ensino de Geografia com mais animação e brilho diante dos alunos.

Portanto, a teoria e prática no momento do estágio foram enfatizadas pelos licenciandos, como um momento de descoberta e realidade no ambiente escolar, um momento em que foram testadas a teoria aprendida na universidade e a prática que foi aplicada no estágio. Diante dos relatos, foi possível compreendermos que mesmo havendo certas dificuldades entre a teoria e prática na hora de sua atuação, pudemos perceber que os licenciandos ficaram apreensivos no começo, porém não deixaram de construir competências e habilidades na escola e conseguiram ganhar força e coragem perante as dificuldades.

Os licenciandos buscaram inovar com suas metodologias e técnicas, tendo por intenção motivar os alunos a construir o conhecimento, enfocando os conteúdos de Geografia com a realidade dos educandos, para conseguirem um ensino de fácil assimilação e eficácia satisfatória.

Enfim, devemos de fato ter uma ótima base teórica que é fundamental para ingressarmos na carreira profissional, entretanto a prática é algo que só podemos ganhar com

o tempo, por isso tantos questionamentos “na prática a teoria é outra”, isso se torna verídico para muitos licenciandos em formação inicial, pois essa visão só é compreendida a partir da realização do estágio supervisionado, assim é constituída a verdadeira realidade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intuito principal investigar as contribuições e implicações do estágio supervisionado, visando os principais pontos envolventes nessa etapa como: o estágio supervisionado na formação inicial do licenciando, a relação teoria e prática e os pontos positivos e negativos acarretados pelo estágio supervisionado.

O estágio supervisionado é um momento muito importante e essencial na formação inicial docente, dispendo de aproximação com a realidade no ambiente escolar, constituindo concreta análise de como é a profissão docente, envolvendo os licenciandos nos problemas e relações que norteiam esse espaço.

O estudo resultou que existem dificuldades e contradições no estágio supervisionado, onde os licenciandos enfrentaram os problemas e se fortaleceram, pois descobriram que na profissão docente é fundamental ser forte, crítico, inovador e paciente. Com esses quesitos foram capazes de enfrentar as dificuldades, assim realizando o estágio supervisionado com uma meta à alcançarem, a de construírem uma formação de qualidade e de inovação na educação escolar e acadêmica.

Os pontos positivos do estudo foram que o estágio supervisionado contribuiu fortemente na formação inicial dos licenciandos, os mesmos puderam conhecer a verdadeira realidade vivida por um professor em uma escola, onde na hora do estágio eram os professores e tinham que comandar a aula, adquiriram certa responsabilidade diante das aulas e enriqueceram sua formação com as experiências vividas no núcleo escolar. Dessa forma, desenvolveram competências e habilidades fundamentais na construção do conhecimento dos alunos.

O estágio supervisionado também possibilitou que os licenciandos tivessem reflexão e compreensão sobre o verdadeiro sentido da profissão docente, assim construíram e fortaleceram a identidade docente. Evidentemente, que o estágio não é uma preparação completa, mas que possibilitou grandes conquistas e conhecimentos diante da relação professor/aluno/escola, esse contato foi fundamental e indispensável para que os futuros professores construam uma carreira profissional de qualidade.

Os pontos negativos do estudo foram sobre a relação teoria e prática no estágio, já que os licenciandos entrevistados discorreram que tinham uma boa base teórica aprendida na universidade e quando colocaram esse conhecimento em prática ocorreram dificuldades, pois perceberam que na prática tudo se torna diferente, e isso acarretou certas dificuldades.

Nesse contexto, evidentemente que de certa forma a teoria não é realmente como os licenciandos estavam esperando, na realidade encontraram alguns obstáculos, como alunos “bagunceiros”, falta de organização na escola, falta de água e merenda, esses são problemas que trazem desatenção e desinteresse dos alunos, assim dificultam o desenvolvimento das aulas. A maioria dos licenciandos tem o primeiro contato com a docência a partir do estágio e às vezes isso acarreta algumas dificuldades no desenvolvimento de suas aulas.

Outro ponto negativo nessa pesquisa foi a dificuldade dos licenciandos em levarem novas metodologias para a sala de aula. Os entrevistados disseram que aprenderam na universidade os métodos inovadores que saíssem do tradicionalismo como utilizar o data show para a introdução de imagens e vídeos, assim planejando aulas expositivas dialogadas para atraírem a atenção dos alunos.

Para efetivarem essa metodologia é necessário material didático e aceitação do professor supervisor. De fato, muitas escolas não dispõem de todo tipo de material didático (data show, computador, etc.), e também tem vários professores que não gostam de fugir dos padrões tradicionais e querem que os licenciandos continuem de onde eles pararam.

Por fim, mesmo diante desses problemas os licenciandos conseguiram desenvolver o estágio supervisionado com eficácia, driblaram as dificuldades e conseguiram terminar o plano de aula como projetado. Tiveram sabedoria, habilidade, conhecimento e senso crítico de seguirem por um caminho que fosse melhor para a efetivação dos objetivos a serem atingidos.

Portanto, diante de nossa investigação pudemos compreender que o estágio supervisionado foi um importante complemento na formação dos estagiários, estabelecendo uma etapa de envolvimento com a realidade escolar, em que existiram dificuldades relacionadas entre teoria e prática, entre metodologias inovadoras e entre a relação aluno/professor. Foram encontrados pontos positivos e negativos no nosso estudo, mas que não prejudicaram a realização e término do estágio supervisionado.

Diante das dificuldades encontradas, os licenciandos se fortaleceram e desenvolveram suas identidades docentes, tendo a certeza de quererem seguir em frente com a profissão docente, e a partir do estágio supervisionado conseguiram dar mais valor à docência e compreenderam como é a vida de um professor/educador que luta por uma educação de qualidade.

Enfim, o estágio supervisionado envolveu os licenciandos a desenvolverem técnicas, métodos, competências e habilidades que são de fundamental importância na docência, desse modo prepara futuros professores diante do real, do concreto, sem mascarar nenhum ponto negativo. É dessa maneira que os futuros docentes constroem apego pela docência, pois é

necessário conhecerem de perto o ambiente escolar para poderem transformar e inovar a construção do conhecimento de forma interessante e atrativa.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Guilherme. **O desafio da interação teoria e prática no ensino de geografia do primeiro segmento**. ENG, Porto Alegre, 2010.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. 7°. Ed. São Paulo: Atlas, 1981.
- ANDRADE, M. C. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas: Papirus, 1989. 85p.
- BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- BURIOLLA, Marta A. F. **O Estágio Supervisionado**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Federal de Educação: (1962). **Parecer CFE 292, de 14 de novembro de 1962 – Fixa a parte pedagógica dos currículos mínimos relativos aos cursos de licenciatura**. Relator: Valnir Chagas. Brasília: Documenta n. 10, 10 dez. 1962 p. 95-100.
- CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** Revista Terra Livre. São Paulo. n° 16. p. 133-152. 1° semestre/2001.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999. 617 p.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino da geografia**. Porto Alegre; Edipucrs, 2011.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 11-22.
- CAVALCANTI, Lana de S. **Concepções teórico-metodológicas da Geografia escolar no mundo contemporâneo e abordagens no ensino**. In: SANTOS, Lucíola L. C. P. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. **Formação inicial e continuada em geografia: trabalho pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento**. In: ZANATTA, Beatriz A; SOUZA, Vanilton C. de (Orgs.). **Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino de Geografia**. Goiânia: Vieira/NEPEG, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino da geografia na escola**. São Paulo: Papirus, 2012.
- DE LIMA, Márcia Helena; VLACH, Vânia Rúbia. **Geografia escolar: relações e representações da prática social**. Caminhos de Geografia, v. 3, n. 5, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15289/8588>. Acesso em: 17/10/2014.
- DOS SANTOS, Cláudio Ressurreição; conceição, Edney. **O ensino aprendizagem da geografia frente às transformações contemporâneas**. REVISTA N. 01 JANEIRO DE 2006,

p. 66. Disponível em: <http://www.famam.com.br/downloads/RevistaTextura/01-Revista-Textura-Ano1-Jan2006.pdf#page=63>. Acesso em: 03/09/2014.

DUTRA, Edna Falcão. **Possibilidades para a articulação entre teoria e prática em cursos de licenciatura. Santa Maria, 2010.** Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp139937.pdf>. Acesso em: 23/11/2014.

FILHO, Joaquim Alves da Costa; GONÇALVES, Fernando de Sousa. **Um relato crítico reflexivo a respeito das experiências no estágio supervisionado de Geografia.** Cajazeiras, p.01-16, 2014.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** São Paulo, 1997.

GHEDIN, Evandro. **Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática.** Brasília. Líber Livro Editora, 2008. p. 78.

GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor – a formação do professor como profissional reflexivo. In: Nóvoa, A. (Coord.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

GONÇALVES, Tadeu O.; GONÇALVES, Terezinha V. O. **Reflexões sobre uma prática docente situada: buscando novas perspectivas para a formação de professores.** In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a) pesquisador(a).** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

ILKIU, Everton Carvalho. **A importância do trabalho de campo no ensino da geografia: um olhar sobre o município de Viçosa-MG.** Viçosa, p.01-71, 2010.

KAERCHER, Nestor A.; TONINI, Ivaine M. **Movimentos no ensinar Geografia.** Porto Alegre: Compasso, 2013.

_____. **A relação teoria-prática no estágio supervisionado.** In: KAERCHER, Nestor A.; TONINI, Ivaine M. Porto Alegre: Compasso, 2013.

KANT, E. “**Physische Geographie**”, apud Unwin, T. El lugar de la Geografía. Madrid, Cátedra, 1995.

LESTINGE, Sandra; Sorrentino, Marcos. **As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida.** Contributions of attention: studies of the environment and education for life. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v14n3/a15v14n3.pdf>. Acesso em: 13/11/2014.

LIBÂNEO, J. C. Reflexibilidade e Formação de Professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (org.) **Professor Reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito.** São Paulo, Cortez, 2002.

LISOVSKI, Lisandra. **O desenvolvimento do estágio pré-profissional na formação de professores(as) de Biologia.** Santa Maria: Programa de Pós- Graduação em Educação, Centro

de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2006. (Dissertação de Mestrado – Orientação: Eduardo A. Terrazzan).

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias.** In: **Congresso Iberoamericano de Informática na Educação, IV.** 1998. Disponível em: <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200342414941210M.PDF> Acesso em: 17/10/2014.

MILANESI, I. **Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 209-227, out./dez. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a15.pdf>. Acesso em: 27/10/2014.

MONTERO, Lourdes. **A construção do conhecimento profissional docente.** Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 2005. (Coleção Horizontes pedagógicos, 120).

NOGUEIRA, Valdir, and Sônia Maria Marchiorato Carneiro. **A geografia escolar e a educação ambiental no ensino fundamental.** Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_Ambiental/Trabalho/08_27_39_a_geografia_escolar_e_a_educacao_ambiental_no_ensino_fundamental.pdf. Acesso em: 07/10/2014.

OLIVEIRA, A. U. **Para Onde Vai o Ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1994.

PEREIRA, Sebastião Felix. **Reflexões sobre a prática docente no estágio supervisionado em Geografia.** Revista P@rtes. São Paulo. V.00 p. eletrônica, julho de 2009. Disponível em: www.partes.com.br/educacao/alternativa.asp. Acesso em: 09/10/2014.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na forma de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de Professores: Unidade teoria e prática?** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 92.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. In: **Estágio e Docência.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 33 – 57.

_____. Considerações sobre a legislação de estágio no Brasil. In: **Estágio e Docência.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 83 – 92.

_____. Estágio e construção da identidade profissional docente. In: **Estágio e Docência.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 61 – 68.

_____. Planejamento e avaliação do estágio. In: **Estágio e Docência.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 177 – 215.

_____. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia crítica. In: PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender geografia**. 3º ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

REGO, Nelson. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, Maria Francineila P. **A relação teoria e prática no estágio supervisionado em geografia**. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; TONINI, Ivaine Maria. (organizadores). Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar – Cultura, 2013.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. **O estágio enquanto espaço de pesquisa: caminhos percorridos na formação docente em Geografia**. Porto Alegre, 2012. 130 fl. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2012.

SILVA, M^a Aparecida dos Santos; LEITE, Maria Elisiane. **Um olhar crítico e reflexivo sobre as experiências do estágio na escola estadual de ensino fundamental Batista Leite, Sousa-PB**. Cajazeiras, p. 01-11, 2013.

TRACZ, Marcelo; DIAS, Anderson Nasareno Alves: **Estágio Supervisionado: Um Estudo Sobre a Relação do Estágio e o Meio Produtivo**. 2006. p. 2.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS

Entrevista realizada com licenciandos do curso de Geografia

1. O que é o estágio supervisionado para você?

2. Você já tinha experiência no magistério?

3. Como foi o seu primeiro contato com a escola no momento do estágio?

4. Você teve dificuldades ao levar uma metodologia inovadora para a escola, como aprendida na Universidade? Justifique:

5. Como se deu a sua prática no estágio diante do embasamento teórico adquirido na Universidade?

6. Quais foram às contribuições e implicações que o estágio supervisionado deixou como aprendizagem e experiência?
